



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL de LONDRINA

---

DAMARIS KANÑSÑNH FELISBINO

**FORMALIDADE X INFORMALIDADE NA LÍNGUA  
KAINGANG:  
REFLEXÕES A RESPEITO DA VARIAÇÃO DIAMÉSICA NA T.  
I. APUCARANINHA**

---

Londrina  
2022

DAMARIS KANÍNSÃNH FELISBINO

**FORMALIDADE X INFORMALIDADE NA LÍNGUA**  
**KAINGANG:**  
REFLEXÕES A RESPEITO DA VARIAÇÃO DIAMÉSICA NA T.  
I. APUCARANINHA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Silveira

Londrina  
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

F315f Felisbino, Damaris Kanĩnsãnh.  
Formalidade x informalidade na língua Kaingang : reflexões a respeito da variação diamésica na T. I. Apucarantina / Damaris Kanĩnsãnh Felisbino. - Londrina, 2022.  
73 f. : il.

Orientador: Marcelo Silveira.  
Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2022.  
Inclui bibliografia.

1. língua kanhgág - Tese. 2. Sociolinguística - Tese. 3. variação diamésica - Tese. 4. formalidade - informalidade - Tese. I. Silveira, Marcelo. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.

CDU 8

DAMARIS KANÍNSÃNH FELISBINO

**FORMALIDADE X INFORMALIDADE NA LÍNGUA**  
**KAINGANG:**  
REFLEXÕES A RESPEITO DA VARIAÇÃO DIAMÉSICA NA T.  
I. APUCARANINHA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Orientador Dr. Marcelo Silveira  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof. Dr. Wagner Roberto do Amaral  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Suelly de Arruda Câmara  
Cabral  
Universidade de Brasília – UnB

Londrina, 7 de outubro de 2022.

“Kanhgág ti vỹ ã tỹ nén han sór mũ ti  
han mũ rỹ. Tỹ ti advogado, médico,  
doutor jẽn nhũ... ti tỹ han sór kỹ!”

“O indígena tem capacidade de ser o  
que quiser. Pode ser advogado,  
médico, doutor...basta ele querer!”

Jandira Grisãnh Felisbino

Para Grisãnh Felisbino (*in memoriam*),  
minha mãe...

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar agradeço ao nosso Topẽ (Deus), por ter me capacitado durante esse meu percurso como estudante indígena. Não foi fácil a caminhada durante essa trajetória, pois logo no início das aulas houve a pandemia que assolou todos os países; com isso, ter acesso aos estudos foi se tornando difícil. O acesso à internet, logo no início, foi muito desafiador para quem mora nas aldeias indígenas e também não foi diferente para mim, porém hoje as coisas estão se resolvendo aos poucos, graças a Ele.

Em segundo lugar, agradeço ao meu pai, Manoel, que sempre falava que a Língua Kanhgág tinha que ser muito estudada, e à minha mãe, Jandira, que em 2018 ancestralizou e que insistiu que eu fizesse meu mestrado aqui perto da terra indígena, na UEL, porque não queria me ver longe. Espero que esteja feliz.

Agradeço ao Prof. Dr. Lodoviko, que me ajudou logo no início. Na minha graduação, ela já sonhava que eu podia entrar na pós-graduação; infelizmente, também ancestralizou, mas me sinto feliz por esse sonho dele ter sido realizado, pois ele faz parte deste trabalho. Espero que em algum lugar também possa estar feliz.

Agradeço à minha amiga Gislaine, que sempre esteve do meu lado me ajudando sempre que possível. Agradeço pelas broncas que você deu, pois você se tornou mais do que uma amiga, sendo uma irmã. Passei com você os dias mais difíceis da minha vida, mas você sempre me incentivou e me fez sorrir nos momentos de tristezas.

Também agradeço o meu orientador, o Prof. Dr. Marcelo Silveira, o Róprág, que tanta ajuda forneceu para que esta dissertação fosse concluída com o êxito esperado e porque sempre me entendeu, apoiou e por ter entendido um pouco do nosso tempo, o tempo dos kanhgág, que é diferente do tempo dos fóg. Por isso e muito mais, ficarei sempre agradecida a ele e à sua família.

Deixo meus agradecimentos também ao Prof. Dr. Wagner, porque, se não fosse ele, não teria chegado onde cheguei; por sempre lutar pela permanência dos indígenas na universidade e por ter contribuído com este trabalho.

Também agradeço à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Suely por ter contribuído muito com este estudo.

Agradeço ao meu esposo Dailson, que sempre esteve ao meu lado me ajudando, indo comigo em todos os lugares em que precisei ir para fazer poder conversar com os participantes deste trabalho, pelo seu amor, carinho e dedicação.

À minha filha, Manuela, que sempre esteve amorosa e me ajudando sempre quando preciso.

Agradeço às minhas irmãs, Anésia, Paula, Renata, Priscila e Quésia, por sempre estarem comigo e por sempre me ajudarem no que precisei.

Por fim, agradeço os participantes deste trabalho, os kanhgág do Apucarantina, os professores que participaram deste trabalho e os que de alguma forma contribuíram para esta pesquisa, que traz o nosso mundo, as vozes ancestrais da Língua Kanhgág.



FELISBINO, Damaris Kanĩnsãnh. **Formalidade x informalidade na língua Kaingang**: reflexões a respeito da variação diamésica na T.I. Apucarantina. 2022. 73 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2022.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo registrar e analisar a variedade conservadora e a mais atual da Língua Kanhgág falada na Terra Indígena (TI) Apucarantina, localizada no município de Tamarana-PR. Para realizá-lo foi necessário discorrer sobre os tipos de variações, com base em Weinreich, Labov e Herzog (1968) e Labov (1972), que foram a base teórica adotada. O foco da pesquisa foi especificamente a variação diamésica, que tem o seu estudo voltado para as comparações entre a escrita e a oralidade e por contemplar o que, em nossa hipótese, delimita bem a língua formal (mais voltada para a escrita e para a fala conservadora dos mais velhos) e a língua informal (mais voltada à oralidade, especialmente dos mais jovens). A metodologia usada privilegiou a cultura kanhgág, para quem as decisões são feitas no coletivo; assim entrevistamos professores das escolas da TI Apucarantina para saber deles o que consideram a língua formal, cotejando suas respostas com as manifestações informais retiradas de conversas de WhatsApp, Messenger, bem como de postagens feitas via rede social Facebook, além das transcrições de conversas gravadas durante a pesquisa de campo. Com esse corpus, temos condições de entender o momento histórico em que a Língua Kanhgág se encontra, apresentando elementos para colaborar com a elaboração de uma gramática pedagógica da língua, necessária para o uso escolar.

**Palavras-chave:** língua Kanhgág; língua Kaingang; sociolinguística; variação diamésica; formalidade; informalidade.

FELISBINO, Damaris Kanĩnsãnh. **Formalidade x informalidade na língua Kaingang**: reflexões a respeito da variação diamésica na T.I. Apucarantina. 2022. 73 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2022.

## **ABSTRACT**

This work aims to record and analyze the standard and non-standard variety of the kanhgág language spoken in Apucarantina Indigenous Land (I. L.), located in the municipality of Tamarana-PR. To do so, it was necessary to discuss the types of variations, based on Weinreich, Labov and Herzog (1968) and Labov (1972), which were the theoretical basis adopted. The focus of the research was specifically the diametic variation, focused on the comparisons between writing and orality, as it contemplates what, in our hypothesis, delimits the formal language (more focused on writing and the conservative speech of the elders) and the informal language (more focused on orality, especially among the younger ones). The methodology used favored the kanhgág culture, for whom decisions are made collectively; thus, we interviewed teachers from Apucarantina I. L. schools to find out what they consider the formal language, comparing their answers with informal manifestations taken from WhatsApp, Messenger conversations, as well as posts made via the social network Facebook, in addition to the transcripts of recorded conversations during field research. With this corpus, we can understand the historical moment in which the kanhgág language is, presenting elements to collaborate with the elaboration of a pedagogical grammar of the language, necessary for school use.

**Key words:** Kanhgág language; Kaingang language; sociolinguistics; diametic variation; formality; informality.

FELISBINO, Damaris Kanĩnsãnh. **Jykrén kũ vĩ x jatun mũ vĩ kanhgág vĩ ki**: Karĩnĩnh tá Variação Diamésica to vėjykre. 2022. 73 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2022.

## HESŪMŪ

Vėnh rãnrãj tag tỹ nén tá krỹg sór mũ vỹ tóg tỹ kanhgág vĩ ki ti tỹ ti rá ki kar kũ vãhã ti tó ki vėsỹ ũ han e tag tugnỹm kũ to rán to ke nĩ, Karĩnĩnh tá kanhgág ag vĩ to, Mũnĩsipijo tỹ Tamãrỹrỹ tá tog nĩ. Ėg tỹ han jé ėg tóg ver vėnh vĩ ag tỹ vėsỹ ũ han to ránrán mũ, Weinreich, Labov mré Herzog (1968) kar kũ Labov (1972), ag tỹ to nén rán mũ tag to ve kũ ėg tóg han mũ. Ėg tỹ nén to peskisan mũ hã vỹ tóg tỹ variação diamésica nĩ, ti tỹ tỹ ėg tỹ nén ve sór mũ to han kũ nĩn kũ ki krov (nén tỹ ėg vĩ tỹ ki hã rán ki nĩ kar kũ ėg tỹ tó to estuno nĩn kũ) kar ėg tỹ jatũn mũ tó he e mũ to estuno nĩn kũ ke gé. Kanhgág ag jykre ki tóg han kũ nĩ, ti metodologia ti, ag tỹ jagnė mré nén han tĩ nỹtĩn kũ, kũ ėg tóg Karĩnĩnh tá gĩr ag kanhrãn tĩ ag vĩ gravan mũ, ėg tỹ ag ki, ag mũ nén tỹ ag tỹ ėg si ag vĩ tó ve sór kũ kar kũ vãhã ti rá tăg tugtó mũ ag ke gé, ag mũ ėg tóg pergũta han mũ, ėg tỹ ag vĩ tugnỹm jé, ag tỹ vėmén ja nũgnũg ėg tóg mũ gé WhatsApp, Messenger ki kar kũ ag tỹ Facebook ki nén pumlikan mũ ėn ke gé, ag tỹ gravan ėn pãte mỹr. Ti rán kũ nĩ mũ tag ve kũ ėg tóg ki kanhrãn mũ kanhgág vĩ ki nén tỹ hėn ri ke mũ ti, kũ tóg sir ėg mũ vem mũ, nén tỹ kanhgág vĩ ki ėg si ag vĩ ki rán kũ nĩ ti, ėg tỹ escola kãki vėnhrá ũ han sor vė gé, gramátika mỹr, ėg kãki tỹ rãnrãj jé.

**Ti rá tỹ save:** kanhgág vĩ; kanhgág ag vĩ; sociolinguística; variação diamésica; ėg si ag vĩ to jykrén kũ vĩ; jatun mũ vĩ ti rá tăg ki.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Paradigma verbal do verbo ir no passado.....	49
<b>Quadro 2</b> - Professores participantes da pesquisa que ainda atuam na Educação Básica .....	65
<b>Quadro 3</b> - Professores participantes da pesquisa que não atuam mais na Educação Básica .....	67
<b>Quadro 4</b> - Manoel Norég Mág Felisbino – o primeiro professor de Língua Kanhgág.....	68

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1 -</b>	Portal do Apucarantina – Aldeia Sede.....	30
<b>Figura 2 -</b>	Escola Estadual Indígena João Kavagtã.....	30
<b>Figura 3 -</b>	Portal da Aldeia Barreiro .....	31
<b>Figura 4 -</b>	Escola Estadual Indígena Roseno Vókrig Cardoso.....	31
<b>Figura 5 -</b>	Escola Estadual Indígena Roseno Vókrig Cardoso.....	32
<b>Figura 6 -</b>	Escola Estadual Indígena Benedito Rokag .....	32
<b>Figura 7 -</b>	Portal da Aldeia Água Branca .....	33
<b>Figura 8 -</b>	Vista da Aldeia Água Branca.....	33
<b>Figura 9 -</b>	Escola Goj Kupri .....	34
<b>Figura 10 -</b>	Escolas da T.I. Apucarantina .....	35

## LISTA DE ABREVIações

1	1ª pessoa
2	2ª pessoa
3	3ª pessoa
AG	agente
CIR	circunstância
DEM	demonstrativo
ERG	ergativo
EXIST	marcador de existência
F	feminino
FUT	futuro
HAB	habitualidade
IMP	imperativo
IND.A	indicador de aspecto
IND.CIR	indicador de circunstância
IND.FUT	indicador de futuro
IND.S	indicador de sujeito
INT	interrogativa
INTENS	INTENSIFICADOR
M	masculino
MF	marcador de feminino
MO	modo
MS	marcador de sujeito
NOM	nominativo
NUC	núcleo oracional
PL	plural
OD	objeto direto
PERG	pergunta
PFV	perfectivo
POSP	posposição
POSS	possessivo
PP	pronome possessivo
SG	singular

TÓP	tópico
V	verbo
V.I	verbo intransitivo
VERBALIZ	verbalizador
V.S	verbo semitransitivo
V.TR	verbo transitivo

## SUMÁRIO

	<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b> .....	16
	Os PARTICIPANTES .....	25
<b>1</b>	<b>OS KANHGÁG DA T.I. APUCARANINHA</b> .....	28
<b>2</b>	<b>UM POUCO DE HISTÓRIA SOBRE A LÍNGUA KANHGÁG DA T.I. APUCARANINHA</b> .....	36
<b>3</b>	<b>ESTUDOS JÁ REALIZADOS SOBRE A VARIAÇÃO DA LÍNGUA KANHGÁG</b> .....	38
<b>4</b>	<b>NOSSAS BASES TEÓRICAS</b> .....	40
4.1	A LÍNGUA FORMAL E INFORMAL .....	41
4.2	TIPOS DE VARIAÇÃO NA LÍNGUA KANHGÁG .....	43
4.2.1	Variação Linguística em Geral.....	43
4.2.2	Variação Diamésica na Língua Kanhgág.....	50
<b>5</b>	<b>CONSERVADORISMO X VARIANTE MAIS ATUAL: EXISTE CONSERVADORISMO NA LÍNGUA KANHGÁG?</b> .....	53
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	70
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	72



## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho é mais um estudo acerca da Língua Kanhgág<sup>1</sup>, mas, antes de discorrer sobre a língua, apresento-me para que possamos entender a importância deste estudo para nós indígenas kanhgág.

Falarei resumidamente sobre meu percurso como estudante indígena da etnia kanhgág. Sou a Damaris Kanĩnsãnh Felisbino, nascida na Terra Indígena Apucarânia, no Município de Tamarana-Pr. Nasci em uma família de professores, meu pai, Manoel Norég Mág Felisbino, sendo monitor kanhgág, formado pelo Centro de Treinamento Clara Camarão (instituição que conheceremos no decorrer deste estudo). Ele formado por esse Centro de Treinamento e, a partir disso, foi contratado pela FUNAI como monitor bilíngue, quando começou a trabalhar exercendo essa mesma função, na escola, dentro da T.I. Apucarânia.

Minha mãe, a Dona Jandira Grisãnh Felisbino, também era professora de Língua Kanhgág. Ela estudou até o 4º ano na aldeia, mas, depois disso, não estudou mais visto que naquele tempo ainda não havia o Ensino Fundamental dentro da T.I.; ela contava que ficou um tempo sem estudar devido às dificuldades de acesso à educação, porém conseguiu terminar os estudos por meio do supletivo. Meus pais tiveram 6 filhas, todas mulheres: a Anésia, a Paula, a Renata, a Priscila, eu e a Quesia.

Na minha formação houve muitos desafios, pois nas séries iniciais estudei na T.I.; na época a escola chamava-se “Escola Rural Cacique Luis Pénky Pereira, e era pertencida à prefeitura de Londrina-PR.

Para continuar os estudos, era necessário matricular-se em uma escola pública na cidade mais próxima, que era em Lerroville, distrito de Londrina, onde terminei o Ensino Fundamental II, na Escola Municipal Professor Bento Munhoz da Rocha Netto. Foi aí que as dificuldades apareceram: por ser indígena, às vezes, os professores não entendiam as nossas dificuldades, mas, para sermos aprovados, tínhamos que andar no ritmo dos não indígenas, coisas que a maioria

---

<sup>1</sup> O termo *kanhgág* representa a forma como o nome da etnia, do povo e da língua é grafada na própria língua. Outras grafias são Caingangue (forma dicionarizada), *kaigang*, *kaingáng* e *kaingang* (forma mais usual na literatura científica).

dos meus parentes indígenas não conseguia fazer, devido às diferenças de culturas existentes no contexto escolar. Isso fazia com que os alunos indígenas reprovassem nas matérias, e, por conta disso, muitos desanimavam e outros desistiam de estudar. Na maioria das vezes, esse embate entre diferentes culturas, em que os professores não entendiam e não aceitavam nossa realidade, isto é, a de que o indígena aprende de maneira diferente dos não indígenas e também por causa dos preconceitos que havia, além do acesso, que era difícil, pois, quando chovia, quase ninguém conseguia ir à escola; por causa disso, levávamos falta, o que também pesava no futuro daquela série e assim perdíamos muitas coisas.

Lembro-me de que meu pai sempre me ajudava nas matérias em que tive dificuldade, assim a maioria das disciplinas eu acompanhava bem. Durante essa trajetória como estudante fui escolhida pela direção da escola para ser monitora de alunos que tinham dificuldades nas matérias, era um projeto em que fui escolhida por conta da minha dedicação aos estudos. Foi aí que eu escolhi o que eu queria, que era ser professora; desde pequena já gostava de ensinar. Esse projeto se chamava “Projeto Coca-Cola de Valorização ao Jovem”, que foi a minha primeira formação. Esse projeto formava monitores para ajudar o professor na sala de aula, que foi uma experiência muito gratificante, pois acompanhava o aprendizado dos alunos, os quais ajudava a serem aprovados para outra série, e via a felicidade no olhar das crianças quando nos reencontravam. Não tem como explicar essa emoção que sentia dentro de mim.

Terminei o Ensino Médio na Escola Estadual Professora Maria Helena Davatz, na qual tive também melhores professores, mas as dificuldades também continuavam; os motivos eram os mesmos já citados. No segundo ano do Ensino Médio, nasceu a minha filha, a Manuela; então, no ano seguinte, precisei me esforçar para ir bem nas disciplinas. Concluí o 3º Ano em 2011 e no mesmo ano prestei o Vestibular dos Povos Indígenas do Paraná, que aconteceu na Universidade Estadual de Ponta Grossa, quando obtive a 7ª posição; minha mãe foi aprovada nesse mesmo vestibular. Para ingressar na universidade era necessário estar entre os 6 primeiros colocados, já que o limite de vagas era 6 em todas as universidades do Paraná; para a minha felicidade, uma candidata

aprovada não efetuou a sua matrícula, então fui convocada na segunda chamada para realizar a matrícula.

No ano de 2012, eu e a minha mãe ingressamos no curso de Letras, na Universidade Estadual de Londrina; erámos as únicas indígenas na sala de aula. Para conseguirmos assistir às aulas nos dias da semana, foi necessário morar fora da aldeia, o que tornou nosso trajeto muito mais difícil, pois tivemos que deixar a nossa família. Foi muito cansativa a nossa caminhada como acadêmicas, pois minha mãe trabalhava durante o dia na escola da aldeia Sede. Passamos por muitos desafios para poder concluir o curso superior; eu me formei primeiro que a minha mãe, tanto por ela ter muitas dificuldades em compreender questões dentro da academia quanto porque é da nossa cultura não dar importância ao tempo; esse embate entre o tempo dos kanhgág e não indígenas, aliás, é muito difícil. Como a maior parte da minha formação como estudante foi fora da T.I., já era um pouco acostumada, mas também ainda continua sendo um desafio enquanto estudante indígena. Minha mãe conseguiu terminar o curso de Letras, e infelizmente nos deixou uma semana antes de sua colação de grau, em 2018.

Com as disciplinas cursadas dentro do curso de letras, passei a pensar mais sobre a minha língua, o que me motivou em estudá-la e explicá-la, pois ela é muito ampla e há muito o que estudar ainda. Meu pai, que é um intelectual kanhgág, visto que sabe muito sobre a língua, disse sempre que alguém tinha que estudar a Língua Kanhgág, e isso também foi o que me motivou para realização desta pesquisa.

Meu primeiro trabalho foi sobre a variação na Língua Kanhgág, durante o meu estudo na Especialização em Língua Portuguesa, também na Universidade Estadual de Londrina; esse estudo explicou sociolinguisticamente a variação do verbo “ir” (*tĩg*) em kanhgág. O que me chamou a atenção foi o modo como alguns kanhgág o pronunciavam; durante esse meu percurso como estudante e ainda atualmente, sigo explicando os fenômenos que variam.

Durante esses estudos foi difícil ter que fazer com que o meu pai entendesse a Sociolinguística, pois ela estuda como a língua se comporta em sociedade. Por ser falante conservador da Língua Kanhgág, às vezes não concordava com o modo como pronunciávamos; segundo ele, “os jovens queriam se mostrar”. Ele achava que falávamos “errado” de propósito. Por ele ser

professor de Língua Kanhgág e ter praticado as pronúncias que aprendeu, ele entendia que os mais jovens pronunciavam termos de forma errada, principalmente em comparação com a escrita, ou seja, a grafia da Língua Kanhgág.

Em relação aos estudos feitos na T.I. Apucaraninha, os anciões lembram como aconteciam as pesquisas feitas antigamente, o que não lhes traz boas recordações; questionam sobre aqueles que por muito tempo pesquisavam e na maioria das vezes não davam retorno de seus trabalhos para a comunidade kanhgág; muitos deles foram somente fazer a pesquisa sobre seus objetivos de estudos.

Desde o início dos estudos sobre a Língua Kanhgág na T.I. Apucaraninha – desde quando os intelectuais da academia chegaram, não só a academia, porém antes deles também vieram os missionários, os antropólogos, os linguistas e os curiosos, pelos quais fomos “pesquisados” –, este povo vem lutando para manter a sua língua. Alguns kanhgág relatam em suas falas uma angústia quando se trata de “pesquisar a Língua Kanhgág”.

Esse termo – *pesquisar* – traz consigo toda aquela lembrança de como eram tratados durante as entrevistas, da época quando tiveram contato com os não indígenas. Uns ficavam ali e faziam as pesquisas; depois de um certo tempo, iam embora; outros apenas sumiam. Com isso, os kanhgág passaram a não acreditar nas pessoas que iam ali só para pesquisar. Alguns relembram os que ficaram, com quem eles passaram a conviver.

Esses fatos não aconteceram somente com os kanhgág, porém com quase todas as etnias indígenas que foram pesquisadas. Além disso, as pesquisas científicas não foram diferenciadas, ou seja, não foram genuínas, não foram verdadeiros de acordo com as diferenças entre as culturas, ou seja, as pesquisas foram feitas de acordo com a maioria das pesquisas científicas da academia, ou seja, somente para a coleta de dados. Se fizermos uma comparação entre as pesquisas feitas de maneira aleatória por parte dos pesquisadores e aquelas feitas por pesquisadores que ficaram ali juntamente com os indígenas, estes se envolveram com as causas indígenas e buscaram de uma maneira de poder nos ajudar.

Por essas razões, este trabalho reconhece o valor do nosso olhar como indígena, as nossas impressões, reflexões e perspectivas acerca da Língua Kanhgág. Por isso, este estudo é voltado ao pensamento em relação à língua, por sermos protagonistas das nossas próprias reflexões e ações, por não termos a necessidade de sermos pesquisados, por agora sermos nós quem registramos as nossas próprias histórias para que a nossa geração futura siga na mesma direção e usamos o termo *participantes*, em vez de *informantes*, por se tratar de uma pesquisa feita por uma kanhgág descrevendo e refletindo sobre a própria língua, uma pesquisadora que não está na T.I. somente de passagem, pois convive com o seu povo.

Notamos que os kanhgág ainda apreciam alguns dos pesquisadores não indígenas, pois conviveram por muito tempo nas comunidades indígenas. Uma delas é a linguista alemã Úrsula Goj Téj Wiesemann<sup>2</sup>, por ter estudado a fonologia da Língua Kanhgág, por tê-la grafado e, com isso, possibilitado a existência da escrita; da mesma forma, outros pesquisadores deram retorno do seu trabalho. Não podemos deixar de lado esses primeiros registros porque eles são muito importantes para os professores das línguas indígenas.

Este trabalho não é uma mera pesquisa; vai além disso, porque, em contraponto, traz uma consigo uma sabedoria, uma história de um povo que foi pesquisado, embora não tenha recebido explicações de por que foram pesquisados; traz também consigo a história do povo kanhgág, sua visão de mundo e como a língua se comporta de acordo com a sua cosmologia.

O termo *participante*, já mencionado anteriormente, foi utilizado no lugar de *informante*, pois os kanhgág não só informam algo, mas nas conversas sobre o tema contaram histórias; além de as ouvirmos, é o nosso dever respeitá-las, visto que dali saiu toda a sabedoria ancestral dos kanhgág, e isso deve ser valorizado no mundo acadêmico.

O termo *informante* é uma palavra muito forte no mundo indígena, por ter se tornado pejorativa. Dessa forma, nós, como acadêmicos indígenas, temos o dever de reverter isso por intermédio dos registros que vimos realizando no mundo acadêmico, para que o povo de fora da cultura indígena saiba o quão é

---

<sup>2</sup> A missionária linguista faleceu durante os ajustes finais desta dissertação, em 15 de agosto de 2022, com 90 anos de idade.

importante para os indígenas transmitir esse pensamento crítico para os leitores dessas reflexões compartilhadas, pois é da nossa cultura o compartilhar uns com outros.

Por fim, este trabalho apresenta reflexões acerca da variação diamésica, que compara a as variantes falada e escrita da Língua Kanhgág, língua que pertence à família linguística Jê, do tronco Macro-Jê. Os kanhgág estão distribuídos no estado de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

As falas que analisaremos pertencem à Língua Kanhgág falada na Terra Indígena do Apucarantina, localizada no Município de Tamarana-PR, no norte do Estado do Paraná, onde vivem mais de 1.800 indígenas kanhgág, compondo mais de 400 famílias.

Este trabalho é composto pelas Considerações Iniciais, cinco capítulos, as Considerações Finais e as Referências. As Considerações Iniciais apresentam o que está proposto neste trabalho e o percurso metodológico utilizados para a realização deste trabalho. O capítulo 1 discorre sobre os kanhgág da Terra Indígena Apucarantina. O capítulo 2 versa sobre o surgimento da Língua Kanhgág. Já no capítulo 3, tratamos do estado da arte dos estudos sobre a variação linguística em kanhgág. No capítulo 4, por sua vez, apresentamos as bases teóricas que adotamos para realização deste estudo. Por fim, no capítulo 5, discorreremos sobre os principais resultados das análises feitas sobre a variação diamésica na Língua Kanhgág.

Para o início da pesquisa foi necessário gravar as falas das pessoas que moram na terra indígena e também os que lecionam como professores de Língua Kanhgág nas três escolas que existem no Apucarantina: Colégio Estadual Indígena Benedito Rokag, localizado na Aldeia Sede; Escola Estadual Indígena Roseno Vókrig Cardoso, localizada na Aldeia Barreiro; Escola Estadual Indígena João Kavagtãn Vergílio, também localizada na Aldeia Sede, além dos professores de Língua Kanhgág que residem recentemente na Aldeia Água Branca, comunidade esta que está na luta para conseguir uma escola dentro da aldeia. Como ainda não há uma escola na aldeia, os próprios indígenas construíram uma casa para servir de local para os alunos terem acesso à escrita da Língua Kanhgág, pois a maioria das crianças estuda em uma escola não indígena, a qual

não dá acesso a esse componente curricular – Língua Kanhgág –, que é direito daqueles que a têm como língua materna.

Atualmente existem 2 professores de Língua Kanhgág contratados pela Secretaria do Estado da Educação (SEED-PR), que lecionam na alfabetização da língua materna. Foram selecionados para esta pesquisa os participantes professores de Língua Kanhgág que atuam nas três escolas estaduais na T.I., bem como os primeiros professores de Língua Kanhgág, como o professor Claudio Novéj Galdino. Historicamente, os professores João Santos Kupe de Almeida, Pedro Kagre Kág de Almeida, Isaías Kagre Felisbino, Jorge Rĩr Nã de Almeida e Margarida Nirãg Tánh de Almeida Aldolfo foram os primeiros professores de Língua Kanhgág a Terra Indígena Apucarantina; atualmente dois deles ainda atuam em sala de aula como professores da língua materna. Estes foram também alunos do professor Manoel Norég Mág Felisbino, que foi um dos que estudou e se formou na Escola Clara Camarão, na T.I. Guarita, localizada nos municípios Erval Seco, Redentora e Tenente Portela, todos no Rio Grande do Sul.

O Centro de Treinamento profissional Clara Camarão foi uma escola que ficava na T.I. Guarita e existiu de 1970 a 1983; foi fruto de um convênio entre a FUNAI, o Summer Institute of Linguistics (SIL) e a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Segundo Antunes, (2012 p. 68), o curso teve início no ano de 1970 e perdurou até 1980, período em que se formaram três turmas de monitores bilíngues kanhgág e Guarani; monitores porque, segundo Felisbino, era para auxiliar os professores não indígenas nas salas de aula. Eles foram selecionados por lideranças de cada T.I. nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

O Professor participante deste trabalho, Manoel Norég Mág Felisbino, foi um dos selecionados para estudar no Centro de Treinamento já mencionado. Atualmente, o professor encontra-se aposentado, porém trabalhou por muito tempo como monitor bilíngue contratado pela FUNAI e atuou na sala de aula durante muitos anos.

Para sabermos se existe para eles uma linguagem conservadora na Língua Kanhgág, foram entrevistadas algumas pessoas da comunidade, algumas

lideranças e também alguns jovens que estudam no Colégio Estadual Benedito Rokag.

Também foram retirados comentários e publicações feitas pelas redes sociais, como *Facebook*, *Instagram* e *prints* de conversas que contivessem o assunto-foco deste estudo.

Essa metodologia privilegia a cultura kanhgág, pois a coletividade privilegia o fazer as coisas em conjunto, o que é muito importante para os povos indígenas, não só para os kanhgág, mas para os povos indígenas em geral. Por essa razão, a escolha dos participantes deste trabalho é muito importante porque já traz essa visão de coletividade com o trabalho de escuta e de muitas reflexões acerca do estudo, pois juntos pudemos dialogar sobre as reflexões, visto que as conversas foram mais dialogadas, se comparadas com a aplicação de um simples questionário, com perguntas e respostas.

Buscamos por uma descolonização das metodologias já utilizadas. Ao começar por não perguntar ao participante seu nome, sua faixa etária, sua escolaridade, que a metodologia de pesquisa sociolinguística considera tão importantes, para a cultura kanhgág esses dados não são importantes. Também excluimos da pesquisa o termo *entrevista*, pois indígena não dá entrevista, mas sim conta livremente as suas histórias sem se importar com o tempo, e todos aprendem juntos.

As metodologias de pesquisas já utilizadas não dão voz ao povo indígena, pois quem está sempre acima das pesquisas são os mestres e doutores, que são mais valorizados dentro da academia e que muitas vezes se esquecem do povo que foi estudado. Por tais motivos, do ponto de vista de uma indígena, a academia não dá voz aos indígenas que muitas vezes contam suas histórias, pois o que foi estudado por muito tempo foi a estrutura gramatical da Língua Kanhgág. Por isso é importante entender as teorias que são aplicadas e saber se o povo kanhgág concorda com os novos estudos feitos por próprios indígenas. Notamos que, na fala da maioria das conversas, os participantes falam da valorização da língua e da importância do seu registro; falam também que estão surgindo novos pesquisadores que são de fato indígenas e apontam que, de alguma forma, a cultura que era até um tempo oral está agora em fase de escrita.



Notamos que essa forma de metodologia, já descrita acima, permite que os que forem estudar algum fenômeno da Língua Kanhgág compreendam a importância de registrar as vozes das falas das histórias; seria o começo dos registros delas para que os mais novos pesquisadores, os que acabaram de entrar na academia, os que iniciaram os estudos sobre a Língua Kanhgág possam ter como base os trabalhos já feitos, a fim de que tenham a possibilidade de escutar as histórias desse povo que lutou para manter a sua língua viva durante décadas de lutas.

Não foi preciso deixar de lado nenhuma das bases teóricas, pois uma complementa a outra e porque também estamos lidando com uma língua muito difícil de explicar, um verdadeiro desafio para quem estudar a Língua Kanhgág.

Para chegar ao nosso objetivo, foi preciso conversar com os participantes, deixando-os à vontade para falar, elaborando perguntas mais com o intuito de reforçar a conversa que vinha sendo realizada, porque os kanhgág são diretos em suas respostas, não se aprofundam quando perguntamos, por isso é necessário dialogar com os participantes. Durante as conversas fizemos algumas perguntas para os professores, para conhecer deles o fundamental para saber se existe uma variante conservadora do kanhgág e qual/como seria ela. Além dessa pergunta, outras como: Onde está escrita a linguagem conservadora da Língua Kanhgág? Como é ensinada? Há erros de ortografia? Se sim, com base em que sabemos que está errada a grafia de uma palavra? Essas perguntas foram feitas com a intenção de chegar ao nosso objetivo para que possamos notar as diferenças entre a fala e a escrita, o conservadorismo e a fala mais atual, foco do nosso trabalho. Aliás, quando falamos em *conservador*, estamos nos referindo à variação kanhgág mais voltada à formalidade, que é assim considerada pelos colaboradores, pois vem dos ensinamentos dos primeiros professores de Língua Kanhgág que ensinavam de acordo com a fala dos anciões, dos sábios da comunidade. Já a fala mais atual é a fala informal, encontrada em conversas do cotidiano, sem se preocupar com formalidades linguísticas.

Para isso foi primeiro necessário estudar e entender o que é a linguagem conservadora pensada pelos grandes cânones, pois seus estudos têm a ver com o nosso foco de estudo, que é a variação linguística da Língua Kanhgág, dos

estudiosos da Linguística, para podermos delimitar a variedade conservadora e a variedade mais atual na Língua Kanhgág.

Também, para iniciar as reflexões, acerca da Língua Kanhgág, foi necessário levar em consideração o aspecto cultural, então é muito importante registrar um fato sobre a questão da coleta de dados pessoais: não é cultural os kanhgág perguntarem os nomes e as idades das pessoas para elas mesmas, pois os kanhgág não se sentem confortáveis em se apresentar para uma pessoa e também porque não estão presos ao tempo, o tempo é diferente do tempo dos não indígenas. O kanhgág pode falar esses dados caso a pessoa seja confiável, porém leva muito tempo um kanhgág confiar nas pessoas que não conhecem. Por isso, é muito importante deixar claro que devemos respeitar esse aspecto cultural.

A Língua Kanhgág foi grafada com a intenção de traduzir a bíblia; por essa razão, alguns indígenas foram internados no Centro de Treinamento Profissional Clara Camarão, visto que seria um momento em que poderiam ter grafado para ajudar nas escolas, tanto na forma escrita quanto na comunicação formal, mas cuja intenção central foi a de tradução. Se fosse para os próprios professores grafarem, a escrita seria outra, pois muitas vezes os professores antigos tentaram mudar o grafema de alguns sons, mas não conseguiram porque a maioria já concordava com a grafia elaborada pela linguista alemã; depois de terem se acostumado, ficou difícil mudar a grafia de algumas palavras. Durante a conversa com o professor Manoel, ele contava que tentaram mudar a letra “m” para “b” e “s” para “x” pois na Língua Kanhgág a letra “m” tem o som da oclusiva bilabial vozeada com contorno nasal [ᵐb] quando é precedido ou seguido de vogal oral e a letra “s” tem som da fricativa alveolopalatal desvozeada [ʃ], para citar apenas dois exemplos. Ele ainda relata que os professores do Paraná queriam mudar a grafia, mas os professores do Rio Grande do Sul não concordaram. Então, para manter a unidade gráfica, os demais kanhgág continuaram adotando a grafia estabelecida por Wiesemann.

## **Os Participantes**

Os participantes desta pesquisa são kanhgág da Terra Indígena Apucarânia. Foram entrevistados professores de Língua Kanhgág que atuam nas escolas da sede e das demais aldeias. A maioria dos professores de Língua

Kanhgág concluiu o Ensino Médio e outros cursaram o Magistério Indígena ofertado pela Secretaria do Estado de Educação do Paraná (SEED-PR).

Também houve diálogo com os anciãos, pois são eles que possuem a sabedoria ancestral dos kanhgág e ainda conservam muitas das palavras que já não são mais pronunciadas pelos mais novos, independentemente se tiveram ou não acesso à escola; aliás, muitos não têm a oportunidade de frequentar uma escola.

Foram entrevistados também adolescentes e jovens estudantes do Colégio Estadual Indígena Benedito Rokag e adultos que moram na comunidade.

Outra entrevista feita foi com o professor bilíngue Manoel Norég Mág Felisbino, por ser o único professor originário da T.I. Apucarânia que frequentou o Centro de Treinamento Clara Camarão e por ser um professor considerado intelectual pela comunidade, visto que domina e conserva a fala e a escrita da Língua Kanhgág, por isso é muito respeitado e admirado pelos professores indígenas que hoje atuam nas escolas, bem como pela comunidade.

Outras entrevistas foram feitas com alguns dos primeiros professores de Língua Kanhgág, que atualmente não atuam mais em sala de aula, mas trabalham em outras funções; por conta do trabalho de cada destes, não conseguimos conversar com todos – o que era nosso objetivo inicial –, infelizmente porque outros trabalham para a prefeitura de Londrina e, na maioria das vezes, ficam mais na cidade do que na T.I.

Levamos em consideração os aspectos culturais dos kanhgág na T.I. Apucarânia. Um deles, por exemplo, é que não é comum perguntar o nome das pessoas diretamente a elas, porque não gostam de falar seu próprio nome; fica-se sabendo do nome de uma pessoa quando uma terceira o pronuncia. Contudo, por ser um estudo feito por uma kanhgág moradora da mesma T.I., na qual todos se conhecem, não foi necessário fazer essas perguntas. De toda forma, é muito importante deixar registrados os dados pessoais, até porque é um estudo sociolinguístico sobre a variação, e esses dados são muito importantes para este estudo, assim como também o registro das histórias e das falas dos participantes.

Também tivemos a participação de algumas lideranças consideradas mais importantes nas aldeias, mais importante pela comunidade, por estarem envolvidos no trabalho dentro dela; pedimos a eles para falarem da visão que eles

têm sobre a Língua Kanhgág enquanto lideranças, pois é extremamente importante deixar registrado esse conhecimento, que é compartilhado pelos líderes das aldeias. Essa importância se dá porque o coletivo é parte essencial da cultura, e compartilhar é repassar oralmente para os demais, sendo a oralidade uma tradição dos kanhgág, incomparavelmente maior que a escrita.

Francisco Rég Nãn de Almeida, liderança da Aldeia Água Branca, fala da importância de saber falar a língua.

Ūri tóg tỹ nén há nĩ mỹr ěg vĩ tag ti. ěg vĩ tag hã tugrĩn ěg tóg ūri tar nĩ mỹn. Educação ti kãki tóg diferenciado nĩ mỹn, ěg vĩ tag ti. Kỹ tag tóg inh mỹ há nỹgtĩ. Ūri isóg língua régre ki kanhró nĩ mỹn, português ti mỹn kar kỹ língua kaingang ti mỹn.<sup>3</sup>

*“Kỹ isóg inh kanhkã ag mỹ isóg tó tĩ, inh krẽ ag mỹ, kaingang ag vĩ tag ti ham siri. Kỹ ěg tóg tag ki kagtĩg he sór ke tũ nỹtĩ mỹn siri.”*

Ken jé isỹ ūri tag to jykrén kỹ ěg jóg mág tỹ ěg mỹ tag ven já vẽ gé mỹn sir. Ūri guarani ag tóg nỹtĩ mỹn, seta ag, tag ag vĩ ki ěg tóg kagtĩg nỹtĩ. Kỹ ěg tóg ag mré fóg vĩ hã ki tranuzin tam siri. Kãg tóg si tỹ nén há nãm siri.

Com a fala desse participante, que é uma liderança, deparamo-nos com importância de falar a Língua Kanhgág, por ser uma língua que até hoje é falada como primeira língua, e isso a torna resistente, visto que a língua também é uma ferramenta de luta, de resistência.

Falar a língua indígena significa manter a fala dos nossos antepassados viva. Assim ela vai passando de geração em geração, sempre conservando as palavras para que não se percam. Se uma criança ouvir uma palavra em sua segunda língua, ela a fixa na cabeça e, assim, as falas dos nossos antepassados vão se perdendo. Por isso, é importante as escolas que estão dentro das T.I.s valorizarem a Língua Kanhgág, pois é a identidade do povo que vem lutando para manter sua língua.

<sup>3</sup> “Atualmente a nossa língua é importante, somos resistentes por causa da nossa língua. Temos uma educação diferenciada, por ter a nossa língua.

Então, isso é bom para mim. Hoje sei falar duas línguas, o português e a língua kanhgág. Então eu falo isso para os meus parentes, para os meus filhos, sobre a língua kanhgág, certamente. Então não podemos esquecer-la.

Hoje eu penso que foi o nosso grande pai que nos deu. Hoje existem os guarani, xeta, não sabemos a língua deles. Então traduzimos para eles na língua dos brancos. Então, isso é bom.”

## 1 OS KANHGÁG DA T.I. APUCARANINHA

A Terra Indígena do Apucarantina está localizada no município de Tamarana-PR do qual dista 30km. É composta por quatro aldeias, sendo elas: Sede, Água Branca, Barreiro e Serrinha. Essas aldeias são comandadas pelas lideranças locais e representantes da autoridade maior, que é o cacique. A sua organização social é hierárquica, sendo que o cacique e o vice-cacique são a autoridade maior da T.I.; as lideranças trabalham juntamente com a autoridade maior para manter a ordem na comunidade.

Segundo o cacique da T.I. Apucarantina, Natalino Jagu Marcolino, o trabalho dele é muito cansativo, pois envolve toda a comunidade e precisa criar as leis internas para que os indígenas fiquem de bem e entrem em consenso sobre os devidos problemas; assim não têm que fazer as leis de acordo com as leis de fora, visto que, nesse caso, os indígenas podem chegar a ser condenados, como acontece, invariavelmente, com o não indígena de fora da aldeia. Um exemplo disso foi a lei criada recentemente para instituir o pagamento de pensão para os filhos de um casal que quer se separar; essa lei foi criada para que nenhum dos kanhgág seja preso fora da aldeia (ao ser acionado pela lei dos não indígenas), caso não cuide dos filhos e ajude a mãe com eles.

Outra lei refere-se à agressão física. Quando um homem agride sua esposa, é preso; o mesmo acontece com a esposa, se agredir fisicamente seu marido. Marcolino também fala sobre quem trabalha dentro da comunidade, da questão de resolver os problemas e de buscar melhoria para a comunidade. Em relação à economia, existem as plantações dentro da T.I., que também é de onde os indígenas tiram o sustento para sobreviver.

Sobre os que trabalham nas escolas, diz que “Ke inh tnhĩ gé jỹ, to inh jykrén kỹ tó tĩ, isỹ kygněnh mẽ, he ve inh nĩgtĩ jỹ. Isỹ kygněnh mẽ he kỹ inh celular ki vėg tĩ gėnh, ti rá ti”<sup>4</sup>, pois ainda há indígenas que não têm formação em outras áreas, como matemática, química, física, por isso ainda é necessário os não indígenas atuarem na escola.

---

<sup>4</sup> Tradução livre: “Há as escolas que ensinam os nossos filhos e quem trabalham nelas são os próprios indígenas, mas ainda existem os não indígenas que trabalham, porém o que eu queria era que estivessem só indígenas atuando.”

Sobre o ensino de Língua Kanhgág na escola ele diz: “Ag tỹ kanhgág vĩ rán ki kanhró nỹtĩnh ke vẽ mỹrỹ, hamẽ. Professor tỹ kanhgág ti tĩnh ke nĩ gé mỹr, ti tỹ ẽg mỹ ẽg grẽ ag kanhrãnrãn ti jé mỹr”.<sup>5</sup>

As leis são criadas pelo cacique, tendo como base as reclamações feitas pela comunidade; assim são decididas por ele as regras a serem tomadas. Alguns caciques não mudam completamente as leis criadas pelo cacique anterior, mas fazem sempre mudanças conforme as atitudes dos kanhgág. Aqueles que não obedecem a essas leis e não conseguem resolver o problema ao tentar dialogar com as lideranças são presos na cadeia localizada na aldeia Sede.

A maioria das mulheres kanhgág vive de confecções de cestos para obter o sustento de sua família; elas os vendem dentro e fora da Terra Indígena. Algumas confeccionam e vendem para quem vai mais para a zona urbana, pois não são acostumadas a sair da aldeia.

Já a maioria dos homens vive de trabalhos fora da T.I., nas fazendas nas redondezas; outros trabalham nas cidades próximas, como Tamarana e Londrina, por não ter emprego nas aldeias em que vivem. A maioria dos homens trabalha como servente de pedreiro na cidade e alguns dos mais jovens, quando terminam o Ensino Médio, procuram trabalho em supermercados e em alguns hospitais em Londrina e retornam, todo final de semana ou nas folgas, para as aldeias onde vivem.

As crianças que residem na sede estudam na Escola Indígena João Kavagtãn, que atende a educação infantil e o nível fundamental I.

---

<sup>5</sup> Tradução livre: “Eles tinham que saber a escrever a nossa língua. Tinha que ter professores Kaingang para ensinar os nossos filhos”.

Figura 1: Portal do Apucarantina – Aldeia Sede



Fonte: Acervo da autora.

Figura 2: Escola Estadual Indígena João Kavagtã



Fonte: Acervo da autora.

Na aldeia Barreiro, existe a Escola Estadual Indígena Roseno Vókrig Cardoso, que atende as séries iniciais. As crianças da Aldeia Serrinha e os da Água Branca estudam na Sede também.



Figura 3: Portal da Aldeia Barreiro



Fonte: Acervo da autora.

Figura 4: Escola Estadual Indígena Roseno Vókrig Cardoso



Fonte: Acervo de Margareth Aparecida de Almeida.



Figura 5: Escola Estadual Indígena Roseno Vókrig Cardoso



Fonte: Acervo de Margareth Aparecida de Almeida.

Os adolescentes e jovens frequentam o ensino médio no Colégio Estadual Benedito Rokag, que atende os alunos de todas as aldeias existentes na Terra Indígena Apucarantina.

Figura 6: Escola Estadual Indígena Benedito Rokag



Fonte: Acervo da autora.



Na aldeia Sede, então, há duas escolas estaduais: uma atende as séries iniciais e a outra atende os alunos do Fundamenta II e Ensino Médio. Há também uma unidade básica de saúde (UBS), na aldeia Sede, que atende todas as aldeias.

Na Aldeia Água Branca não há uma escola oficial, porém há uma escola não oficial que chamamos de *Goj Kupri* (Água Branca), onde se ensina a Língua Kanhgág.

Figura 7: Portal da Aldeia Água Branca



Fonte: Acervo da autora.

Figura 8: Vista da Aldeia Água Branca



Fonte: Acervo da autora.

A figura 9 apresenta a casa construída para servir como escola de kanhgág situada na Aldeia Água Branca. Ela não é uma escola oficial.

Figura 9: Escola Goj Kupri

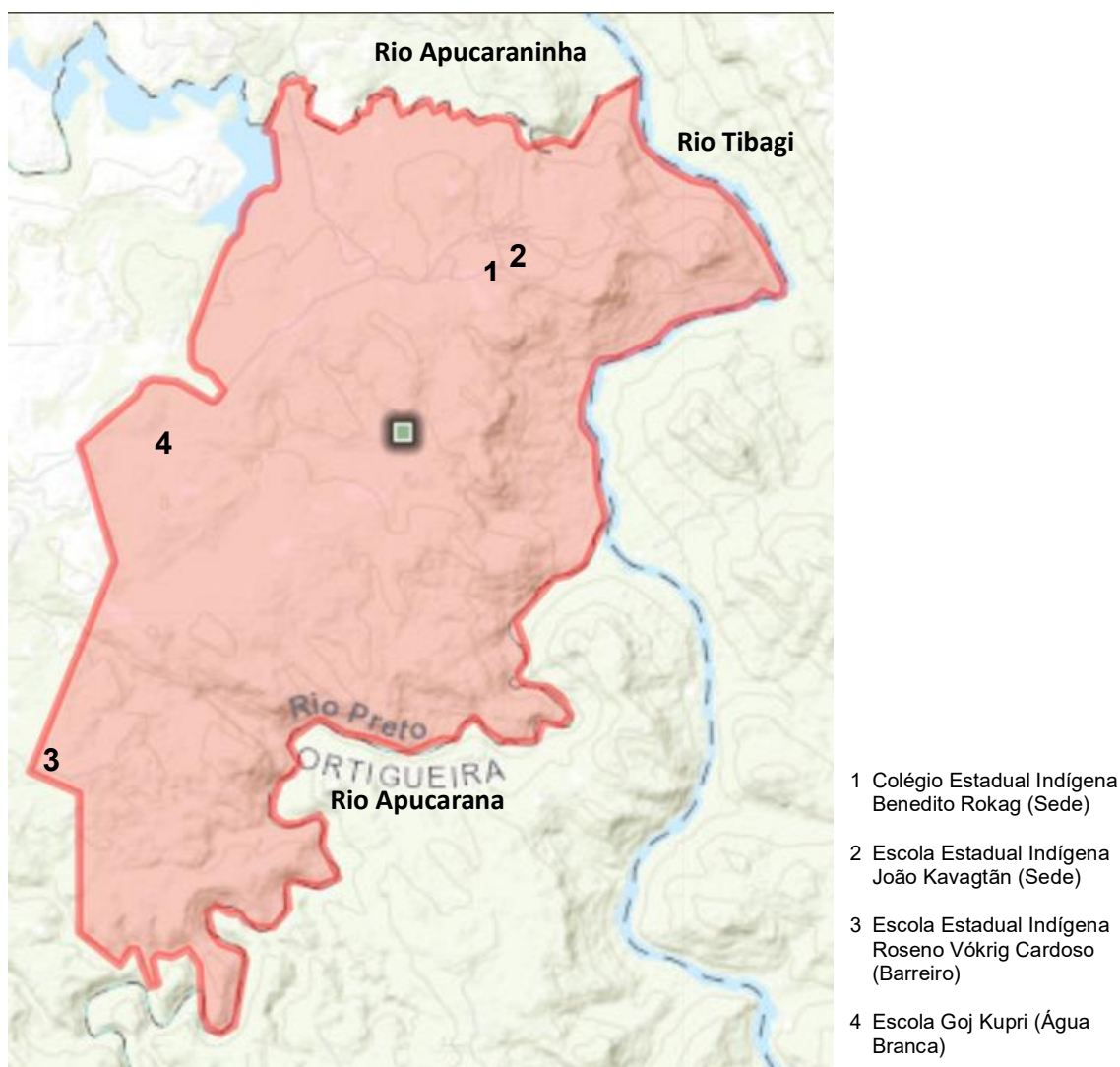


Fonte: Acervo da autora.

No âmbito religioso, existem sete igrejas: uma católica e seis protestantes. Na maioria das igrejas protestantes as celebrações são feitas em português, por exemplo, as orações, os sermões e os cantos. Porém, há uma igreja em que as celebrações são todas realizadas em kanhgág, que é a Igreja Evangélica Kaingang (IEK); esta não está ligada às regras que precisam ser seguidas nas igrejas que têm como líderes não indígenas, em que as ordens vêm de fora, da liderança nacional daquela denominação religiosa. Com relação à IEK, os próprios líderes kanhgág cuidam da igreja, acreditando que Deus entende e fala em kanhgág, crença esta que, infelizmente, não é incentivada nas demais igrejas da T.I., o que influencia diretamente na maior difusão da língua portuguesa entre os kanhgág, pela importância que se dá ao português, consequentemente dando menos importância à língua nativa local. Nas igrejas que têm como líderes não indígenas, é obrigatório ter um presidente, vice-presidente, tesoureiro, e em algumas os membros que são casados são obrigados a realizarem o casamento civil. Por outro lado, a I.E.K. do Apucarantina não vê que isso seja necessário para Deus, pois acreditam que o Deus conhece todas as pessoas, mas o que ele vê de mais importante é o coração do ser humano.

Há, ainda, um salão de festas com duas churrasqueiras, que são usados pela comunidade para realizações de festas. Também há um Centro de Memória e Cultura Kaingang (CMCK) na aldeia sede, em parceria com a Escola Estadual Indígena João Kavagtân, um espaço em que estão arquivadas algumas histórias contadas pelas pessoas mais velhas da comunidade, vídeos e fotografias, material que também pode ser encontrado no *blog* do CMCK<sup>6</sup>.

Figura 10: Escolas da T.I. Apucarantina



Fonte: Adaptado de Terras Indígenas do Brasil (2022).

<sup>6</sup> Disponível em: <http://cmckkaingang.blogspot.com/p/sobre-o-cmck.html>.

## 2 UM POUCO DE HISTÓRIA SOBRE A LÍNGUA KANHGÁG DA T.I. APUCARANINHA

Neste capítulo, discorreremos sobre a história da escrita da Língua Kanhgág, sobre o único kanhgág da T.I. Apucaraninha a ter sido escolhido pelas lideranças entre os jovens kanhgág daquela época para frequentar o Centro de treinamento Clara Clamarão e que se formou na segunda turma. Os cursos para professores bilíngues foram dados de 1970 a 1980 (ANTUNES, 2012).

Segundo o professor bilíngue Manoel Norég Mág Felisbino, a escrita foi implementada por Wiesemann, que foi a primeira pessoa a estudar os sons existentes na Língua Kanhgág; com isso, ela começou a grafar as palavras. Logo depois, reuniram-se com ela os professores e juntos estabeleceram o alfabeto, porque a linguista ainda não o havia feito ainda. Com a fala do professor, infere-se que o alfabeto foi criado e nomeado em conjunto entre professores bilíngues e representantes de outras terras indígenas, e que a linguista só sabia os sons da língua.

Vejamos o que diz o professor:

Úrsula fi hã ne ti som ti han nũ mŷn, Rio das Cobras tá. Ti som ěněn ti mĕgmĕ vén kara kŷ fi vãhã ti som ěněn ránrán já nŷgtŷ mŷn. Kŷ fi siri ti som ěněn ránrán kara kŷ fi ne vãhã palavra hynhan nũ mŷn siri vãhã. Kŷ fi hã ne rán nũ mŷn sir (FELISBINO).<sup>7</sup>

Nota-se pela fala do professor que a linguista sabia os sons (fonética) que havia na Língua Kanhgág; mais adiante, notamos que os professores criaram juntos o alfabeto e nomearam cada letra e assim a escrita da língua passou a existir. Ela conhecia os sons foneticamente, por isso tornou-se fácil ela entender a comunicação entre os indígenas, pois também convivia com os kanhgág do sul do nosso estado, na T.I. Rio das Cobras. Sua intenção era traduzir a Bíblia para essa língua, por ser uma missionária também.

O professor Manoel informou também que, assim que Wiesemann começou a entender a comunicação dos kanhgág, já começou a traduzir o livro de Mateus para a língua.

---

<sup>7</sup> Tradução livre: “Foi a Úrsula que criou o som (sons da fonética), certamente, no Rio das Cobras. Então, ela foi escrevendo os sons e depois ela começou a formar as palavras (grafar). Então foi somente ela que escreveu, certamente”.

O linguista Wilmar D'Angelis, no portal Kaingang, afirma que “não foram os próprios índios que começaram a escrever em sua língua. Nos anos 60, uma pesquisadora-missionária do Summer Institute of Linguistics, com uma longa pesquisa sobre essa língua, definiu um alfabeto para sua escrita”. Sobre essa afirmação, o monitor bilíngue contradiz D'Angelis:

Kỹ ti siri ge kãtĩg, hãra fi ag jigjin jã tũ nĩgtĩ. Kĩ professor ag tỹ curso han kĩ professor ag tỹ “mũjé ag jigjin jé” he ja vëgtĩ siri. “Fá” jégtĩ” he ag “F” to.<sup>8</sup>

Manoel Norég Mág Felisbino foi um dos primeiros indígenas escolhidos pelas lideranças indígenas do Apucaraniha a ir estudar na Escola Clara Camarão, no Rio Grande do Sul, que foi o centro de estudos que formou os primeiros monitores indígenas. Ele afirma que participou na formação da escrita da língua junto com os outros professores, e eles criaram o alfabeto, dando nome a cada consoante (fá ['fə], gá ['ŋgə], há ['hə], já ['jə], ká ['kə], má ['mbə], ná ['nə], pá ['pə], rá ['rə], sá ['sə], tá ['tə], vá ['və], nhá ['ɲə]).

Reforçamos o aprendizado que tivemos com professor indígena, ao dizer que não foi a linguista alemã que criou o alfabeto; ela somente conhecia os sons. O alfabeto, porém, foi criado em conjunto com os outros monitores. Por este motivo, apresentamos a versão dos indígenas, que mostra essa realidade para que possamos ir atrás da verdadeira história contada pelos participantes indígenas e que também são participantes deste estudo. Dessa forma, não nos detemos somente nas histórias apresentadas nos artigos científicos, pois este estudo mostra a importância da versão dos próprios indígenas, nossos colaboradores, cujas falas são registradas e que, ao mesmo tempo, participam dos trabalhos acadêmicos.

Wiesemann (2011, p. 9) diz que “Em 1971 uma novidade foi introduzida pelos próprios professores bilíngues na última fase de sua preparação”. Isso reafirma, pela voz da própria autora, a informação de que houve a participação dos professores nesse processo de escrita.

---

<sup>8</sup> Tradução livre: “Então, foi assim, mas ela não nomeou as letras. Então, quando os professores fizeram curso eles disseram: “Vamos nomear eles”, disseram. Vai ser “Fá” disseram sobre o F”.



### 3 ESTUDOS JÁ REALIZADOS SOBRE A VARIAÇÃO DA LÍNGUA KANHGÁG

Durante os nossos estudos sobre a Língua Kanhgág não encontramos quase nada sobre a sua variação; foi feito um estudo pela linguista alemã sobre os dialetos regionais, porém pouco aprofundado.

Esse estudo, intitulado *Os dialetos da língua Kaingang e Xoklêng*, foi publicado em 1978. Nele Wieseemann ensina que os kanhgág estão:

[...] divididos em cinco áreas dialetais:  
 Dialeto de São Paulo (SP) – Entre Tietê e Paranapanema:  
     P.I. Vanuíre, P.I. Icatu, P.I. Araribá  
 Dialeto do Paraná (PR) – Entre Paranapanema e Iguaçu:  
     P.I. Apucarana, P.I. Barão de Antonina, P.I. Queimadas, P.I. Ivaí, P.I. Faxinal, P.I. Rio das Cobras, P.I. Guarapuava  
 Dialeto Central (C) – Entre Iguaçu e Uruguai:  
     P.I. Mangueirinha, P.I. Palmas, P.I. Xapecó  
 Dialeto Sudoeste (SO) – Ao sul do Uruguai, oeste de Passo Fundo:  
     P.I. Nonoai, P.I. Guarita, P.I. Inhacorá  
 Dialeto Sudeste (SE) – ao sul do Uruguai, leste do Passo Fundo:  
     P.I. Votouro, P.I. Ligeiro, P.I. Carreteiro, P.I. Cacique Doble”  
 (WIESEMANN, 1978, p. 199-200).

O mesmo Wieseemann repetiu em seu *Dicionário Kaingang - Português | Português - Kaingang* (2011, p. 8).

Nas buscas sobre a variação da Língua Kanhgág, encontramos *Variação diastrática na língua Kaingang: o verbo ir*, de Felisbino (2018) e “O estado da arte no estudo dos verbos em Kaingang”, de Ferro, Costa e Silveira (2020).

Então, percebe-se que, além desse estudo de Felisbino, não há um que seja aprofundado sobre a variação na Língua Kanhgág; alguns dos estudiosos dessa língua citam as variações dialetais feitas pela linguista alemã, porém não a aprofundam.

Os kanhgág estão, sim, distribuídos pelo estado de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, segundo os dados de Wieseemann, porém não é seguro ou razoável dizer que essa distribuição geográfica coincide exatamente com a localização dos dialetos que a língua tem; existem fatores que, segundo D’Angelis (2008), não são considerados para justificar esta classificação, dentro os quais cita a heterogeneidade entre a fala dos kanhgág do Paraná, que é classificado por Wieseemann como sendo um dialeto somente.

Concordando com o linguista, afirmamos que existe mesmo essas diferenças entre as T.I.s do Paraná. A título de ilustração, algumas pessoas das outras T.I.s que estão no Paraná não entendem as conversas cotidianas dos kanhgág da T.I. Apucarantina, principalmente no que tange à fala cotidiana; os kanhgág dessas outras aldeias não nos entendem ou não entendem exatamente o que queremos dizer, e vice-versa. Alguns exemplos desse fato podem ser os seguintes, trazidos da T.I. Apucarantina e da T.I. Ivaí, respectivamente:

*Kuru konh nhĩg.*

Já comer.fut vir

“Venha comer, já!”

*Kuri ko jé kãĩg.*

Já comer fut. vir

“Venha comer, já.”

Nesse exemplo, notamos que existem diferenças nas falas de regiões. Vemos que os kanhgág do Apucarantina pronunciam *kuru* em vez de *kuri*, o que confunde quem é de fora, visto que a ortografia, que é *kur*, é traduzida por *já* e é homógrafa com a palavra *roupa*, podendo gerar duplo sentido. Isso pode fazer com que alguém da T.I. Ivaí entenda *roupa*, gerando uma oração cujo sentido poderia ser que eles iriam comer roupa. Foi um dos fatos presenciados por nós em visita à mencionada T.I. Outras diferenças estão na apresentação do verbo no futuro, com uso de flexão *-nh* no Apucarantina e com morfema livre *je* em Ivaí, e também no uso do verbo auxiliar: *nhĩg* (variante de *tĩg*, no Apucarantina); e *kãĩg* (que tem sentido de *voltar* no Apucarantina)

Sendo assim, é extremamente necessário ser feito um estudo sociodialetoológico voltado às variantes regionais da Língua Kanhgág, para que tenhamos um Atlas Linguístico da Língua Kanhgág que registre o momento da língua em sua vertente sincrônica, o que certamente colaborará também para os estudos diacrônicos da família Jê-Meridional, da família Jê em geral, bem como do Tronco Macro-Jê, em que a Língua Kanhgág se localiza, genealogicamente falando.



#### 4 NOSSAS BASES TEÓRICAS

A sociolinguística variacionista, conhecida também como Teoria da Variação, foi um estudo proposto por William Labov, linguista americano que teve a intenção de explicar a variação de uma língua no âmbito da sociedade. Seu trabalho de campo opera com o modelo teórico-metodológico que faz tratamentos estatísticos dos dados coletados durante a pesquisa de campo. Esse modelo surgiu em meados da década de 1960.

Seu objetivo foi compreender como essas variações na língua acontecem e explicá-las a partir da análise da linguagem em seu contexto social. Podemos definir a variação como transformações que existem em diferentes níveis sem que o significado seja alterado nas comunidades de fala.

A variação linguística está presente na língua do nosso cotidiano, tanto ao produzirmos um texto como em nossa comunicação em geral. Todas as línguas variam no decorrer do tempo; não há uma língua que não varie.

Essas variações são percebidas no nível linguístico (segundo a fonologia, a morfologia, a sintaxe e a lexicologia), de acordo com critérios extralinguísticos presentes nas seguintes categorias variacionais: diacrônica, diatópica, diastrática, diafásica e diamésica.

A variação diacrônica é aquela que sofre mudanças naturalmente, aquela que muda conforme o tempo passa; trata-se da variação histórica. Já a variação diatópica é aquela que sofre mudanças em diferentes localidades, ou seja, diferentes regiões; trata-se da variação dialetal. Também há a variação diastrática, que acontece em razão de convivências entre os grupos sociais, que podem ser segmentados em variantes etárias, de escolaridade, entre os sexos; essa variação acontece com um grupo específico de pessoas; quando ela se dá somente com uma pessoa, em diversos contextos sociais, chama-se variação diafásica ou idioletal. Por último, há a variação diamésica, que se dá no estudo sobre as diferenças entre a realização oral da língua e a realização escrita (ILARI; BASSO, 2014, p. 152-196).

#### 4.1 A língua formal e informal

Para falar de formalidade e informalidade na língua, precisamos discorrer sobre duas concepções de linguagem: a de Geraldi e a de Bagno, pois tratam de concepções diferentes, que nos levam a pensar acerca dos nossos estudos sobre a Língua Kanhgág enquanto uma língua que, assim como as outras línguas, também sofreu e sofre mudanças.

Geraldi (1984) diz que existem três concepções de língua: a língua como expressão de pensamento, como instrumento de comunicação e como meio de interação. A primeira concepção explica que a língua é homogênea e a sua transmissão se dá pela expressão da tradução do pensamento, sem reflexão. Em relação à segunda concepção, o autor vê a língua como um código-signo que tem uma regra e que seu receptor decodifica a transmissão da linguagem. Na última concepção, a língua ocorre na interação dos sujeitos agindo um sobre o outro. Entende-se que essas concepções se referem à gramática tradicional, ao estruturalismo e à linguística da enunciação, respectivamente (TRAVAGLIA, 1998).

Em relação à homogeneidade na Língua Kanhgág, isso não se aplica, pois ela é constituída de cinco dialetos (WIESEMANN, 2012) e possivelmente mais do que cinco, segundo interpretamos de D'Angelis (2008); além disso, não há uma gramática que a normatize em todas as T.I.s para que sigam uma única norma, para que seja tida como homogênea; e mesmo que essa gramática existisse, seria difícil de seguir uma norma, visto que, mesmo quando se trata de um povo falante de uma mesma língua, normalmente não há consenso em questões fonéticas, na escolha do léxico e mesmo na estrutura sintática, pois cada T.I. tem as suas especificidades linguísticas.

Também entendemos que a língua não é simplesmente um instrumento de comunicação, visto que “conhecimentos e sentidos [também] se produzem com/por ela, nela e ‘fora’ (ou além) dela” (SMOLKA, 1995, p. 20). A terceira concepção, porém, que entende a língua como meio de interação é a que mais está de acordo com este trabalho, pois se trata de considerar a língua de acordo com a posição social que o participante da pesquisa, sua idade, sua escolaridade,

seu sexo, a localização geográfica, o papel social que assume nos mais variados contextos do dia a dia.

Mesmo que espontaneamente a Língua Kanhgág de referência seja a da T.I. Apucaraninha, decisão tomada por “falantes dos dialetos Central, Sudoeste e Sudeste” (WIESEMANN, 2011, p. 9), as demais T.I.s não a utilizam em suas aulas, que seria o momento do ensino da língua padrão, muito menos na conversação do dia a dia. O que está sendo ensinado nas salas de aulas são os dialetos de cada região, provavelmente tidos como sua própria língua padrão. Nesse sentido, o kanhgág tem várias línguas padrão, distantes geograficamente umas das outras. Por essa razão, este trabalho está em busca de compreender o que os kanhgág classificam como “formal e informal”, apontando desde já para o fato de que não é uma língua homogênea, porque, assim como todas as demais, ela é constituída de diversas variantes, que podem ser classificadas como históricas, regionais e/ou sociais. Por isso, aliada à definição de língua como interação social, trazemos a concepção apregoada por Bagno (2014), na qual também nos baseamos.

Para o autor, “a língua é um disco com seus dois lados bem nítidos, o biológico-individual e o cultural-social, mas unidos para sempre” (BAGNO, 2014, p. 12), pois está no cérebro da pessoa, sendo um fenômeno de ordem cognitiva, feito de modo espontâneo, na interação sociocultural. Tendo em consideração o caráter sociocognitivo, existe na linguagem, ao mesmo tempo, uma capacidade biológica de obter, produzir e transmitir por meio de representação e simbolização do conhecimento. Todo falante, além de usar a sua língua, produz a linguagem, seja transformando ou preservando. Sobre o sentido e os significados da linguagem, o autor define o primeiro como “faculdade cognitiva da espécie humana que permite a cada indivíduo representar/expressar simbolicamente sua experiência de vida, assim como adquirir, processar, produzir e transmitir conhecimento” (BAGNO, 2014, p. 58). Já a segunda definição decorre da primeira; sendo assim, a linguagem é “todo e qualquer sistema de signos empregados pelos seres humanos na produção de sentido, isto é, para expressar sua faculdade de representação da experiência/conhecimento” (BAGNO, 2014, p. 59.)

Sobre a dicotomia da língua entre interação e linguagem, Faraco (2005, p. 217) ressalta que, “por ora, parece que continuamos condenados a uma eterna divisão do trabalho: estrutura lá, atividade cá”. Por isso, podemos dizer que esta pesquisa tem como base uma língua com concepção sociointeracionista, em que as pessoas, a linguagem e a sociedade são inseparáveis e interagem entre si.

## **4.2 Tipos de variação na Língua Kanhgág**

Este tópico traz ao leitor breves comentários a respeito da variação linguística em geral, bem como da variação diamésica especificamente, trazendo à luz questões sobre a Língua Kanhgág.

### **4.2.1 Variação linguística em geral**

Segundo Silva (2007, p. 11), “A lingüística é a ciência que investiga os fenômenos relacionados à linguagem e que busca determinar os princípios e as características que regulam as estruturas das línguas”, isto é, é a ciência que estuda como funciona a língua em uso. Pelos estudos linguísticos já feitos, sabemos que as línguas faladas na sociedade são compostas por variantes; sendo assim, na Linguística há uma área que estuda como a língua se comporta na sociedade, que se chama Sociolinguística. A sociolinguística estuda a língua falada e sua relação com a sociedade. É uma área multidisciplinar porque aborda também estudos sociológicos e antropológicos. O seu objeto de estudos é a língua e o fato de ela poder variar de acordo com a região onde é falada, o sexo, a posição social, a idade, a escolaridade de quem fala, entre outras variáveis. A língua varia de acordo com cada situação sociocomunicativa, e, para estudar essa diversidade, a Linguística conta com três correntes teóricas, que são: a dialetologia, a sociolinguística variacionista e a sociolinguística interacionista.

A dialetologia estuda os dialetos. É a junção entre os estudos linguísticos e geográficos, cujo objetivo é descrever os vários dialetos. A sociolinguística variacionista é o estudo da variação da língua em uso pela comunidade de fala na sociedade. Já a interacionista é uma subdisciplina da linguística que usa a análise do discurso para estudar como os usuários de uma língua criam significados por meio das interações sociais.

A variação de uma língua é considerada como um fenômeno normal por ela ser um processo sociocultural e cognitivo e que sempre ocorreu (BAGNO, 2007), manifestando-se em diversos modos (ILARI; BASSO, 2014), que são a variação diacrônica, diatópica, diastrática e diamésica.

A variação diacrônica ocorre através do tempo, apresentando, assim, uma mudança histórica.

Uma palavra para exemplificar uma **variação diacrônica** na Língua Kanhgág é *ěgrĩn* (*procurar*), que deixou de ser usada em favor do termo *kaně*. *Ěgrĩn* é verbo intransitivo e significava especificamente *procurar mel*. Vejamos o termo em uma oração.

1) *Něn kãra sóg, ěgrĩn vyr.*

Něn	kãra	sóg,	ěgrĩn	vyr
Mata	dentro	eu	procurar.mel	ir(passado)

“Fui na mata procurar mel” (WIESEMANN, 2011, s.v. *ěgrĩn*)

Atualmente, os kanhgág substituiriam a palavra *ěgrĩn* por *kaně*.

Outro exemplo de palavra que sofreu variação diacrônica, constante na mesma oração, é *něn*, que cedeu seu lugar à palavra *vãnh*. Tanto *ěgrĩn* quanto *něn* não são mais usadas na T.I. Apucaraninha. Há situações em que, às vezes, os mais velhos pronunciam algumas palavras que são faladas somente por eles e que os mais novos não conhecem; os mais velhos explicam o que significa, mas mesmo assim os mais novos não passam a usá-la, visto já terem em seu vocabulário outro item lexical com mesmo sentido.

Com relação ao verbo *kaně*, que era bem específico, os kanhgág especificariam o que eles foram procurar no mato, não se restringindo essa busca somente ao mel. Nota-se, com esses exemplos, que houve mudança no modo de falar, com relação à escolha lexical, deixando o uso de um termo específico para ser substituído por um mais geral. Tivemos aqui uma pequena ilustração da variação diacrônica na Língua Kanhgág; a palavra *ěgrĩn* já é uma variação histórica, sendo variante usada há mais de 50 anos, o que parece ser tempo suficiente para haver grandes mudanças na língua em questão.

Então, atualmente a oração 1 é pronunciada como explicitado na oração seguinte, repetindo a oração 1, para facilitar a comparação entre as duas:

1) *Něn kãra sóg, ěgrĩn vyr.*

Něn kãra sóg, ěgrĩn vyr  
 Mata dentro eu procurar.mel ir(passado)

“Fui na mata procurar mel” (WIESEMANN, 2011, s.v. *ěgrĩn*)

2) *Vãnh kãra inh mÿg me kaněnh vyr.*

Vãnh kãra inh mÿg me kaněnh vyr.  
 mata dentro eu mel líquido procurar ir(passado)

“Fui na mata procurar mel”

Ainda no exemplo 2, a forma *kaněnh* é considerada variante mais atual pelos participantes da pesquisa e é composta de *kaně* (*procurar*) + *-nh* (flexão de futuro). Outra possibilidade de dar valor de futuro ao verbo é pela utilização do morfema *jé*; a forma *kãně jé*, então, que é considerada conservadora, é formada pelo verbo *kãně* (*procurar*) e o morfema livre *jé*, que dá valor de futuro ao verbo. O valor de futuro está ligado ao verbo principal, que é futuro em relação ao verbo *vyr*, que está no passado, visto que o sujeito envolvido na ação contou que *foi* (passado) à mata *para procurar* (futuro).

Essas duas orações (1 e 2) só acontecem quando são respostas a uma pergunta sobre um acontecimento passado; assim, o falante usa essa forma verbal. Nos dias atuais, essa marcação de futuro tem se sufixado ao verbo, eliminando a ocorrência do *jé* na oração como morfema livre tônico. Vejamos:

### Pergunta

3) *Hě ra fi vÿr’?*

*Hě ra fi vÿr’*

Para onde 3SG.F ir

“Para onde ela foi?”

### Resposta informal, mais atual

4) *Vãnh kãra fi vãn kaněnh vyr.*

*Vãnh kãra fi vãn kaněnh vyr*

Mato dentro 3SG.F taquara procurar.FUT ir

“Ela foi no mato (para) procurar taquara”

### Resposta formal, mais conservadora

5) *Vãnh kãra ti vãn kaně jé vyr.*

*Vãnh kãra fi vãn kaně jé vyr.*

Mato dentro 3SG.F taquara procurar FUT ir

“Ela foi no mato (para) procurar taquara”

### Resposta informal, mais atual

6) *Goj ra fi vãgfanh vyr.*

*Goj ra fi vãgfanh vyr.*

Rio para 3SG.F lavar roupa.FUT ir

“Ela foi no rio (para) lavar roupa”

### Resposta formal, mais conservadora

7) *Goj ra fi vãgfa jé vyr.*

*Goj ra fi vãgfa jé vyr.*

Rio para 3SG.F lavar roupa FUT ir

“Ela foi no rio (para) lavar roupa”

Uma questão pode surgir com relação às últimas explicações: se alguém tivesse ido à mata procurar mel e voltasse para casa contando o que foi fazer, sem ter sido questionado, a oração seria diferente? Ou seja, essa oração explicada anteriormente só acontece assim se houver a pergunta antes? A resposta para esse questionamento é sim. A oração realizada sem que houvesse um questionamento anterior apresenta estrutura diferente, como pode-se notar no contraste entre as duas realizações (a afirmação sem questionamento anterior, que é a primeira oração; e a resposta formal à pergunta, que é a segunda oração).

*Vãn kaně jé inh vyr.* (afirmação, sem questionamento anterior)

*Vãnh kãra ti vãn kaně jé vyr* (resposta à pergunta)

Com relação à **variação diatópica**, trata-se das variações regionais ou geográficas; são as variações que ocorrem de acordo com o local em que cada grupo, falante de uma mesma língua, vive; as palavras podem ter o mesmo

significado, mas o significante se apresenta de formas diferentes. Para exemplificarmos essa variante na Língua Kanhgág, podemos mencionar a palavra *isóg*, que significa *eu*.

A palavra *isóg* [i'ʃɔg], variante considerada formal, junto com *sóg* [ʃɔg], significam *eu* em português. Elas são pronunciadas como *ijóg* [i'jɔg] e *só* [ʃɔ], em algumas outras T.I.s kanhgág. Temos aqui, então, uma diferença na forma como é pronunciada pelos falantes de outras terras indígenas.

Vejamos alguns dos exemplos a seguir que foram retirados do artigo final da disciplina “Geolinguística” do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL), visto que também foram pesquisas desenvolvidas em 2020, durante as aulas, para exemplificar a variação regional na Língua Kanhgág.<sup>9</sup>

### T.I. Apucaraninha

8a) *Ajag mĩ há kara irmão, irmãs? Ũri kurã tag to Topẽ jé ajag ki rĩr hamẽ.*

Ajag mĩ há kara irmão, irmãs?

2PL para bem todos irmãos irmãs

Ũri kurã tag to Topẽ jé ajag ki rĩr hamẽ.

hoje DEM em Deus MS.OPT 2pl cuidar CONAT

“Irmãos, irmãs vocês estão todos bem? Que Deus possa cuidar de vocês nesse dia. Escutem!”

8b) *Kỹ isóg ajag mĩ tag tóm mamẽ.*

Kỹ isóg ajag mĩ tag tóm mamẽ.

então 1SG 2PL.para DEM falar CONAT

“Então, **eu** estou falando isso.”

8c) *Kỹ isỹ ajag mĩ nén tónh ke mũ tóg ge nĩ hamẽ.*

Kỹ isỹ ajag mĩ nén tónh ke mũ tóg ge nĩ hamẽ.

então 1SG.MS 2PL para coisa falar.FUT FUT ASP ANÁF é assim CONAT

“Então é só isso que quero falar. Escutem!”

<sup>9</sup> O artigo apresentado como requisito parcial para aprovação na disciplina também foi ajustado para publicação em parceria com meu orientador, Marcelo Silveira (FELISBINO; SILVEIRA, 2022, no prelo).



## T.I. Queimadas

### 9a) *Ajag mĩ há kara hamẽ?*

*Ajag mĩ há kara hamẽ?*

2PL PERG bem todos CONAT

“Todos vocês estão bem? Escutem!”

### 9b) *Inh vễ hamẽ si tagki, ajag mág kara ham.*

*Inh vễ hamẽ si tagki, ajag mág kara ham.*

1SG ASP CONAT certamente aqui 2PL maior todos CONAT

“Sou eu, escutem!, o maior (administrador) de vocês. Escutem!”

### 9c) *Ajag vĩ tũ pẽ nĩ e mũ rỹ,*

*Ajag vĩ tũ pẽ nĩ e mũ rỹ,*

2PL falar NEG muito ASP.sentado muito ASP

“Vocês não estão falando muito,”

### 9d) *kỹ ijóg inh grupon hỹnỹ tũ e kãn rã há he mũ.*

*kỹ ijóg inh grupon hỹnỹ tũ e kãn rã há he mũ.*

então 1SG.MS 1SG.POSS grupo provavelmente acabar tudo começar ASP

“então **eu** acho que o meu grupo está acabando.”

## T.I. Rio das Cobras

### 10) *Irmãos Kaingang, só ajag mré vĩ mãn kema ki gé hamẽ siri.*

*Irm. K., só ajag mré vĩ mãn kema ki gé hamẽ siri.*

*Irm. K.* 1SG.MS 2PL com falar de novo ASP em também CONAT certamente

“Irmãos Kaingang, então, eu agora vou falar com vocês de novo.”

Os exemplos 8 a 10 mostram a variação diatópica da palavra *isóg* na língua pesquisada. Vemos que o sentido dela é o mesmo, mas a variação ocorreu por causa da região em que vive a pessoa que falou. Os kanhgág do norte do Paraná pronunciam *isóg* e os do sul do estado pronunciam *ijóg* e *só*.

Falemos agora um pouco da **variação diastrática**. Ela é a variação que se refere aos grupos sociais e pode se dar pela faixa etária, grau de escolaridade, profissão, sexo, entre outros.

Para dar exemplo desse tipo de variação na Língua Kanhgág, podemos citar o verbo *ir* usado na terceira pessoa do plural, que é o verbo *kagyv*. Observamos que os mais velhos (acima dos 60 anos) usam essa forma, porém os mais novos, ou seja, as crianças, adolescentes e jovens, preferem a forma *mũjẽg*.

11) *Kagyv ag huri*

*Kagyv ag huri*

ir.PL 3PL.M já

“Eles já foram.”

12) *Mũjẽg ag huri.*

*Mũjẽg ag huri.*

ir.PL 3PL.M já

“Eles já foram”

Nota-se aqui a aproximação semântica dos dois verbos neste contexto; *vyr* significa somente *ir* e *mũ* significando tanto *ir* quanto *andar*.

Vejamos como fica o paradigma verbal contemplando as duas formas do verbo *ir*, no pretérito perfeito do indicativo:

Quadro 1: Paradigma verbal do verbo *ir* no passado

Forma preferida pelos anciões	Forma preferida pelos mais jovens	tradução
Tĩg inh	Tĩg inh	<i>eu fui</i>
Tĩg ã	Tĩg ã	<i>você foi</i>
Tĩg fi / ti	Tĩg fi / ti	<i>ele e ela foi</i>
Kagyv ẽg	Mũjẽg ẽg	<i>nós fomos</i>
Kagyv ãjag	Mũjẽg ãjag	<i>vocês foram</i>
Kagyv ag / fag	Mũjẽg ag / fag	<i>eles / elas foram</i>

Fonte: A autora.

Por fim, tratemos da **variação diamésica**, que é o foco da nossa pesquisa e na qual nos deteremos mais para comparar a forma escrita e a falada na Língua Kanhgág com a qual as interações acontecem na Terra Indígena Apucaraniha, pois notamos muitas diferenças entre essas duas modalidades. Por apresentarem muitas diferenças, é preciso ainda mais atenção ao registrar essas variações que

estão ocorrendo na língua falada pelos kanhgág da T.I. Apucarantina, variações essas que têm chance de se tornar mudanças nessa comunidade de fala.

#### 4.2.2 Variação diamésica na Língua Kanhgág

Na linguística, a variação diamésica é aquela em que se ressalta a diferença entre a língua falada e a escrita. O seu estudo se dá por intermédio de comparações entre essas duas variantes, objetivo deste trabalho. A variação diamésica tem a ver com o meio de comunicação empregado, ou seja, a fala, um documento escrito, um *e-mail*, uma mensagem no WhatsApp e assim por diante. De fato, a pronúncia, a gramática e o léxico mudam em função de todos esses parâmetros; nas mensagens eletrônicas até mesmo a grafia está mudando em kanhgág, da mesma forma como acontece com o português e outras línguas.

A Língua Kanhgág oral é muito diferente da escrita. Notamos, a princípio, que alguns sons são suprimidos, palavras são aglutinadas, bem próprio do falar espontâneo dos kanhgág no cotidiano. Algumas hipóteses surgiram enquanto estudamos o *corpus* recolhido para este estudo, nas gravações feitas na pesquisa de campo, pois esse mesmo processo também ocorreu com quem tinha mais idade.

A nossa hipótese é de que, antes da surgir a escrita da Língua Kanhgág, essa disparidade já existia, mas não foi analisada, nem registrada pelos linguistas que estudaram a variante do Apucarantina. Como notamos em um artigo publicado no *site* “Portal Kaingang”, de D’Angelis, no qual afirma que: “No Paraná se reconhecem pelo menos dois dialetos Kaingang: um nas áreas indígenas ao norte do Rio Iguaçu (Rio das Cobras, Marrecas, Ivaí, Faxinal, Queimadas, Mococa, Apucarantina, Barão de Antonina e São Jerônimo da Serra) e outro nas áreas abaixo do Iguaçu (Mangueirinha e Palmas)”, porém podemos dizer que em algumas situações de comunicação a língua nessas T.I.s citadas apresentam diferenças fonéticas, sendo a estrutura gramatical a mesma. De qualquer forma, existem variantes em cada região.

Os dados foram coletados com professores, que, por sua vez, colaboraram usando a língua considerada conservadora para eles. A língua falada no dia a dia da comunidade nas interações entre os kanhgág não foi estudada, nem descrita; os estudos já publicados sobre a Língua Kanhgág foram somente com relação às

suas estruturas gramaticais, sem dar foco às variações fonético-fonológicas da língua; dentre esses estudiosos podemos citar a linguista Marcia Nascimento, o educador Bruno Kaingang e os demais linguistas que estudam/estudaram a Língua Kanhgág, porém esses estudos foram voltados para outras questões, sem especificar variação da Língua Kanhgág. Esse é processo chama nossa atenção, então, como pesquisadores, precisamos ver a razão dessa grande mudança e apresentar essa diferença entre a escrita e a oralidade, mesmo porque este trabalho pretende colaborar para a elaboração de uma gramática pedagógica da Língua Kanhgág do Apucarantina, e entendemos que essa gramática precisa apresentar todas as variações ao estudante, incluindo a diamésica.

A seguir, mostramos e explicamos alguns dos principais resultados deste estudo sobre essas diferenças que ocorrem na fala da variante mais atual da Língua Kanhgág da T.I. Apucarantina e que nos motiva a fazer essa pesquisa. O registro dessa variação é muito importante e certamente colaborará para o avanço da linguística descritiva de línguas indígenas.

Tanto a fala quanto a escrita são modalidades de uso da mesma língua, com seus sistemas e regras. Tanto uma como a outra “permitem a construção de textos coesos e coerentes, ambas permitem a elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais e informais, variações estilísticas, sociais, dialetais e assim por diante” (MARCUSCHI, 2010, p. 17).

O estudo da Língua Kanhgág, nesse sentido, é muito importante, por ter pouca pesquisa feita nos meios acadêmicos. O que se tem divulgado são estudos sobre a estrutura morfossintática da língua, no máximo mencionando uma ou outra variante.

Aceitamos esse desafio de poder falar sobre essas variações por haver partículas em kanhgág muito difíceis de explicar; mas como é da cultura kanhgág os falantes serem diretos nas respostas e no modo de falar, sem ficar fazendo introduções ao que é necessário falar ou responder, e por estar a autora inserida nessa realidade, nessa cultura, o desafio maior foi descrever. Contudo, o meio acadêmico obriga a percorrer esses caminhos e chegar a conclusões e resultados.

Por outro lado, é satisfatório falar sobre esse viés que é pouco discutido nos estudos, uma vez que, sendo pouco divulgado, é mais um dos resultados que aponta para a resistência da Língua Kanhgág.

É um idioma que vem lutando para se manter dentro das aldeias e fora delas, e não podemos deixá-lo acabar.

A seguir apresentamos e explicamos as variantes diamésica presentes, na atualidade, nessa comunidade de fala.

## 5 CONSERVADORISMO X VARIANTE MAIS ATUAL: EXISTE CONSERVADORISMO NA LÍNGUA KANHGÁG?

A língua é considerada formal quando há uso correto das palavras e também da pronúncia, referentes ao uso linguístico conforme as normas gramaticais prescritivas. Assim, entende-se que ela deva ser falada num ambiente escolar, numa entrevista de emprego e quando não há familiaridade com as pessoas com as quais estamos nos comunicando. Na formalidade, a pessoa se policia no ato de comunicação. Neste estudo é importante ressaltar que o conservadorismo é considerado, pelos falantes, como língua formal, e as variantes mais atuais são consideradas como informais.

A informalidade, por sua vez, ocorre quando estamos nos comunicando com as pessoas com quais temos mais intimidade. São as conversas do cotidiano, que são espontâneas e em que não há tanta preocupação em escolher as palavras que se quer falar. A língua informal também é conhecida como coloquial. Essa mesma situação acontece em todas as línguas, dentre elas as línguas indígenas, dentre as quais está o kanhgág, que é o foco da nossa pesquisa.

Vejamos alguns depoimentos de pessoas consideradas conhecedoras da Língua Kanhgág conservadora e que nortearam as reflexões deste trabalho.

A seguir, podemos identificar na fala professor de Língua Kanhgág, Neri Pén Kág Felisbino, do Colégio Estadual Indígena Benedito Rokag, preocupação com o conservadorismo da Língua Kanhgág.

Sỹ hã tũ tỹ to tónh mẽ, he isóg tĩ mỹn siri, kejên texto ki mỹn siri.  
Sỹ nén ũ tỹ vẽnhmỹ tá to kāmén mẽ, to tónh mẽ, he mũ mỹn siri.<sup>10</sup>

Notamos que o professor tenta não falar a palavra errada (*hã tũ tỹ tó*) ou palavra estranha (*vẽnhmỹ*) e falar algo errado na frente dos alunos. Entendemos, assim, que o professor considera a sala de aula como um ambiente em que é preciso usar a linguagem conservadora; outro fator que podemos identificar no depoimento é que há, no pensamento desse professor, as noções ortográficas de certo e errado.

<sup>10</sup> Tradução livre: “Eu penso em não falar errado, às vezes, no texto, certamente. Vai que eu falo a palavra errada, falar algo errado sobre, certamente penso isso”.

A fala a seguir é de Franciele Jãrusa Zacarias, professora de Língua Kanhgág que também fala dessa questão de conservadorismo dentro da sala de aula e do medo de pronunciar uma palavra considerada incorreta, tendo por base o que ela aprendeu como aluna durante as séries iniciais do primário ao 4º ano. Ela atua na Escola Indígena Goj Kupri, na Aldeia Água Branca.

Ke inh tnhĩ gé jỹ, to inh jykrén kỹ tó tĩ, isỹ kygněnh mẽ, he ve inh nĩgtĩ jỹ. Isỹ kygněnh mẽ he kỹ inh celular ki vėg tĩ gėnh, ti rá ti.<sup>11</sup>

Neste depoimento, a participante usa a palavra *errar* (*kygněnh*) para demonstrar sua preocupação com a questão do uso do conservadorismo em sala de aula.

A próxima fala é de uma professora das séries iniciais, no ensino infantil. Lembramos que os alunos kanhgág são alfabetizados primeiramente na língua materna, do Pré até o 2º ano; a partir do 3º ano, aprende-se o português. Paula Kāsé Felisbino é professora do 2º ano, na educação infantil. Em uma de suas falas diz:

Sỹ hã tũ tá rán ja nĩnh mẽ, he sóg tĩ. Ũ vỹ kejēn v, n kar g tá kankar tĩ mỹn. kỹ sỹ vėnhmỹ tá rán ja nĩnh mẽ', he sóg tĩ.<sup>12</sup>

Aqui também a participante se preocupa com os erros (*hã tũ*) ou com palavras estranhas (*vėnhmỹ*). Com base nesses depoimentos, podemos dizer que em kanhgág há certas situações em que os falantes falam com maior formalidade, dependendo do contexto de fala. Por outro lado, a variante mais atual é caracterizada por ser usada em ambientes menos conservadores entre os falantes, como em um barzinho, em que o falante não se policia para falar.

Assim, como a variante mais atual acontece no dia a dia dos kanhgág, estudamos o kanhgág no contexto conservador.

Com esta última entrevista, notamos que o professor se policiava ao responder às perguntas, pois percebe-se que ele que não pronunciou nenhuma variação de uma palavra, com exceção da variação na palavra *mỹn*, cuja forma escrita é *mỹr*. A forma é uma das entradas do dicionário kanhgág feito por

<sup>11</sup> Tradução livre: “Faço isso, penso sobre, sempre penso em não errar, quando penso que vou errar consulto no celular, a palavra.”

<sup>12</sup> Tradução livre: “Eu penso, talvez posso escrever errado. Outro (palavra) terminam com v, n e g certamente. Então, penso será que talvez escrevi a grafia errada?”

Wiesemann; uma vez publicada a palavra, é considerada conservadora, pois está de acordo com a fala dos anciãos daquele tempo; com isso dá a entender que o conservador está ligado com a fala dos anciãos kanhgág. O significado de *mÿr* é *certamente*.

A língua conservadora está escrita na bíblia e nos dicionários, mas, além desses suportes, existem também as cartilhas produzidas pelos próprios professores e que muitas vezes não são publicadas; com essas eu não consegui ter contato para analisar neste momento, porém há outras publicações que os professores quase não usam, pois em algumas delas existem erros de digitação, o que leva os professores a preferir produzir seus próprios materiais de uso em sala de aula.

Nas falas cotidianas, por outro lado, em que histórias são contadas pelos demais participantes deste trabalho, quando relatam histórias vividas ou transmitidas de geração em geração, não há a mesma formalidade. Quando se trata de contar história, a pessoa se esquece de que está sendo gravada, deixando fluir a conversa, esquecendo, assim, a noção do tempo e tornando a gravação bastante longa. Não somente o gênero textual influencia, como também o ambiente ajuda, pois as gravações foram feitas em ambiente considerado informal para o participante. Nota-se, com essas conversas entre os professores, que os próprios professores estabelecem o controle dentro da sala de aula e fora da sala de aula, nas conversas do cotidiano, pois não há mais que se preocupar com o conservador quando se está fora dela.

Assim sendo, damos início às nossas descrições e análises, apresentando algumas contrações que ocorrem na Língua Kanhgág.

A oração a seguir é extraída de uma publicação feita no *Facebook* e um dos comentários feitos nessa publicação mostra certamente o que foi explicado anteriormente.

13a) *“Ky tó ã ãn jãnkã fi saven ky nũrũm nĩ jãn ã to rãnh nhu”*.

Neste excerto, como curiosidade, destacamos a falta de alguns acentos em algumas vogais nasais; isso acontece, pois não há ainda um teclado para dispositivos móveis que contemple a acentuação da maioria das nasais em kanhgág. Assim, a vogal nasal “ỹ” aparece sem o til na palavra “ky”; a conjunção





naquele tempo, ela era a pessoa mais velha que pintava com as marcas dos kanhgág. Na gravação ela estava explicando sobre a mulher que os pintava com suas devidas marcas, *kamě* e *rá kutu*.

Lembramos que os kanhgág são cosmologicamente divididos em metades: uma se chama *kamě* (que apresenta pintura facial com dois riscos) e a outra se chama *rá kutu* (que apresente pintura facial com três círculos). No caso, quem pintava as pessoas era Jagvarnỹ nos rituais fúnebres.

Para ficar mais claro, exemplificamos esses tipos de construções.

15) *Ă mré ěg mũnh nhũ.*

*Ă mré ěg mũnh nhũ.*

2SG com 1PL ir.FUT ASP

“Nós vamos com você.”

16) *Kỹ ěg tỹ genh nhũ ra*

*Kỹ ěg tỹ genh nhũ ra.*

então 1PL IND.TÓP fazer.FUT ASP IMP

“Então vamos fazer assim”

A fala da participante a seguir é parte de uma transcrição de uma entrevista feita durante a pesquisa de campo:

17) *Ă hẽ tá kanhgág vĩ rá ti ki kanhrăn’?*

*Ă hẽ tá kanhgág vĩ rá ti ki kanhrăn’?*

2SG onde kanhgág língua escrever 3SG.M aprender

“Onde você aprendeu a escrever na língua kaingang?”

18a) *Apucaraninha tá isóg vễhránrán e gé mỷn,*

*Apucaraninha tá isóg vễhránrán e gé mỷn,*

Apucaraninha em 1SG estudar também certamente

18b) *kỹ sóg ki kanhró nĩgtĩg.*

*kỹ sóg ki kanhró nĩgtĩg*

então 1SG saber HAB.sentado também

18c) *Tivo Nêko tóg nĩm e gé mÿn.*

*Tivo Nêko tóg nĩm e gé mÿn.*  
Tio Manoel MS dar também certamente

18d) *Kara isóg Nira fi mré vẽnhrán e gé mÿn,*

*Kara isóg Nira fi mré vẽnhrán e gé mÿn,*  
depois 1sg Jandira F com estudar também certamente

18e) *kÿ isóg si tugrĩn ki kanhrógró nĩgtĩ gé.*

*kÿ isóg si tugrĩn ki kanhrógró nĩgtĩ gé.*  
então 1sg certamente por causa de saber.PL HAB.sentado também  
“Estudei no Apucaraninha também, então eu sei por causa disso também. O tio Nêko (Manoel) dava aula também, depois eu estudei com a Nira (Jandira) também, é verdade. Então eu sei por causa disso.”

Em 18a, 18c e 18d, encontramos a palavra *mÿn* finalizando as orações, com o sentido de *certamente*. Consideramos essa forma como variação informal de *mÿr*, pois este está no dicionário de Wiesemann (2011) e aquele está sendo usado na fala informal. Corrobora a ideia o fato de os mais velhos ainda falarem *mÿr*, enquanto os mais jovens pronunciam *mÿn*.

Se o kanhgág formal está escrito no dicionário (uma referência da escrita da Língua Kanhgág) criada pela linguista Alemã, o *mÿn*, pronunciado atualmente, é uma variação, porque o dicionário está escrito conforme a fala dos kanhgág daquela época (década de 1960), que hoje os mais novos consideram como antepassados; assim, a ortografia considerada formal é a que está no dicionário e que, por consequência, é ensinada em sala de aula. *Mÿr* indica opinião e é traduzida como *verdade*, *é certo*. Podemos exemplificar com uma oração extraída do dicionário bilíngue feito por Wiesemann:

19) *Kófa tóg nĩgtĩ mÿr.*

*Kófa tóg nĩgtĩ mÿr.*  
velho MS HAB.SENTADO certamente

"Existia um velho, é verdade"

(WIESEMANN, 2011, p. 63).

Retornando às explicações as orações anteriores, em 18b, temos *kÿ sóg ki kanhró nĩgtĩg*. A palavra em destaque, *nĩgtĩg*, é a contração de *nĩgtĩ* + *gé*. Na fala

espontânea, a pronúncia da participante é realizada de maneira que o [ɛ] sofre apócope devido à contração, é ocorrência comum na fala cotidiana dos kanhgág da T.I. Apucaraninha. Em 18e, a contração não acontece; vejamos novamente: *kỹ isóg si tugrĩn ki kanhrógró nĩgtĩ gé*. Isso nos leva a pensar em duas hipóteses: a) que a contração e a não contração são variações livres; b) que a participante, espontaneamente fez a contração em 18b, porém se policiou em 18e, usando a variante formal da língua.

Ainda em 18e, deparamo-nos com a palavra *si* ['ji]. Na língua escrita, a forma de *si* é *sir* ['jir], que é também pronunciada por alguns na forma *siri* ['jiri], com a reduplicação da vogal final e mantendo a tônica na primeira vogal<sup>14</sup>; consideramos *sir* a forma conservadora, então em *si* ocorre apócope do tepe. O significado de *sir* é *certamente*. A forma *sir* foi ensinada aos professores de Língua Kanhgág, para que eles pudessem ensinar em sala de aula aos alunos indígenas.

Detendo-nos um pouco mais sobre a reduplicação, ela acontece com a vogal final da palavra, quando diante de “r” [r/ɹ], “j” [j], “v” [w/v], principalmente. Com base nesse fato da língua, podemos considerar que acontece com vogais que estão diante das aproximantes [ɹ], [j] e [v], e que [r] e [w] são variações de [ɹ] e de [v], respectivamente.

Continuando em 18e, temos o verbo *kanhró* (*saber*), cuja forma plural é *kanhrugró*, ambas formais; a participante, porém, pronunciou *kanhrógró*, considerada, então, a forma informal no kanhgág da T.I. Apucaraninha.

Continuando a análise da fala desta participante, notamos também outras variações na pronúncia. Destacamos os fenômenos considerados variação para facilitar a localização do que é o foco deste trabalho; assim, as análises foram somente feitas com relação a essas variações, a fim de mostrar as diferenças entre a forma conservadora e a mais atual.

<sup>14</sup> A língua kaingang é oxítônica, porém, em casos de reduplicação, há a manutenção da vogal tônica, fazendo a palavra soar paroxítônica.

- 20) [...] *hara isóg kejĕn tag mĩ kãtĩ mũ gé mÿn, Água Branca mĩ, Goj Kupri mĩ, kÿ sóg siri vĕnh rãhrãj tag ti vég **gũg**, sÿ gĩr ag mÿ aula nĩm e mũ tag ti.*

“[...] mas um dia vim para cá, para Água Branca, para Goj Kupri, então certamente vi esse trabalho de dar aula para as crianças isso.”

A palavra em destaque, nessa oração *kÿ sóg siri vĕhrãrãj tag ti vég **gũg***, é variação de *mũ + gé*. A apócope do [ɛ] aqui se deu assim como em 18b; o outro fenômeno, porém, ainda não havia aparecido, mas é comum em kanhgág. Trata-se da assimilação que a consoante nasal de *mũ* sofre pela coda da palavra anterior, ou seja, a velar [g] de *vég* assimila a consoante nasal [m] de *mũ*, resultando em *vég gũg*.

Outros exemplos do fenômeno já estiveram presentes nas orações do corpus: 13a) *rãnh nhũ*, 14) *nĩnh nhũ*, 15) *mũnh nhũ* e 16) *genh nhũ*.

Temos ainda outros exemplos da mesma participante. Destacamos nas orações.

- 21) *Kejĕn isóg dicionário ki ã vég **tĩg**.*

“Às vezes procuro no dicionário”

Nesse exemplo, a contração é de *tĩ + gé*. A palavra *tĩ* indica aspecto e tem valor de habitualidade, sendo traduzida como *sempre*; *gé*, como já dito, significa *também*.

- 22) *Kÿ fag tÿ dicionário ki kri rán jã ĕnĕ tóg ki krov tóg **kĩg**.*

“Então, aquele que elas escreveram no dicionário também estava certo.”

A palavra *kĩg* é a contração de *ke gé*, que significa *também* é considerado uma circunstância para Wiesemann (2011). Mais uma vez a vogal média baixa anterior [ɛ] do fim da expressão sofre apócope e a vogal média alta anterior [e] do início da expressão sofre alçamento e nasalização, sendo pronunciada [ĩ].

Durante a gravação da conversa, a mesma participante disse a seguinte oração, que nos chamou atenção:

- 23a) *Kÿ ag **hÿnÿ** to curso han gé vĕ **nhã***

“Talvez eles faziam curso sobre [língua kanhgág]”

Note-se que em 23a, na fala dos kanhgág, a vogal final diante de [n], por vezes, também se reduplica, como acontece na palavra em destaque *hỹnỹ*, cuja forma padrão é *hỹn*, significando *de certo, provavelmente*.

O termo *nhã'* é a variante informal de *inhhã*, cuja tradução em Wieseemann (2011) é *somente tal pessoa, não as outras*. Nessa oração, *nhã'* (ou *inhhã*) quer dizer que, na visão da participante, os antigos professores faziam curso de Língua Kanhgág, mas que hoje não fazem mais.

Vejamos que na fala espontânea de *inhhã* (*inh* + *hã*), que se pronuncia [id<sup>h</sup> 'hõ], houve aférese de [id] na primeira palavra, aférese da glotal [h] e paragoge da glotal [ʔ], visto que a pronúncia de *nhã'* é [nõʔ]. Notamos que a aférese da glotal [h] sempre acontece na fala informal do kanhgág.

A oração a seguir é a continuação da oração anterior já analisada. Vejamos:

23b) *Kỹ ag si ěg kanhrãn ke mam,*

“Escuta, então eles é que nos ensinaram certamente”

Observa-se que a palavra em destaque, *si*, sempre acontece na fala dos kanhgág (como exemplificado em 9b e 18e); a palavra *mam*, por sua vez, é variação de *hamẽ*, cuja tradução é o conativo *escuta*. No lugar de [h] é pronunciado [m] e houve apócope do [ẽ]. A palavra *hamẽ* [ha<sup>b</sup>mẽ] é profícua em variantes informais, que podem ser *ham* [ha<sup>b</sup>], *mam* [ma<sup>b</sup>], *nam* [na<sup>b</sup>] e *gam* [ga<sup>b</sup> / ɲab] presenciadas em algumas situações de fala do cotidiano. Em *mam* e *nam*, as consoantes nasais iniciais estão diante de vogal oral, o que, notamos, só tem acontecido nas contrações das falas informais, provavelmente por influência da língua portuguesa, visto que consoantes nasais, em kanhgág, só são seguidas ou antecedidas por vogais nasais. Essa hipótese precisa, ainda, se mais bem estudada.

A análise a seguir apresenta o mesmo exemplo para mostrarmos essa variação que ocorre na fala da participante e também nas falas dos kanhgág.

24a) *kỹ ěg si ag hã tigrĩn kanhró nỹĩ e mam.*

24b) *Kỹ ěg sir ag hã tigrĩn kanhró nỹĩ he mũ hamẽ.*

“Escuta, então é somente por eles que sabemos (a escrita)”

Em 24a, temos a fala informal da participante, cuja versão conservadora está em 24b. Observa-se, que na fala mais atual houve a contração de *mũ* e *hamẽ*, formando *mam*. Como *mam* já apareceu para nós como variação de *hamẽ*, então podemos inferir que *mũ* simplesmente não foi pronunciado ou que, então, a contração de *mũ* e *hamẽ* é homófona e homógrafa em relação à variação *mam*, de *hamẽ*. Em uma das conversas cotidianas também nos deparamos com outra variação de *hamẽ*; trata-se *gam* [ŋam]. “*He tóg, gam.*”

24c) *He tóg gam.*

“Ele disse”

Podemos dizer que a glotal de *hamẽ* foi assimilada pela velar de *tóg*; a “curiosidade”, mais uma vez, é que a velar é pronunciada como nasal, o que só ocorreria diante de vogais nasais, mas tem acontecido, nessas contrações da fala informal, com vogais orais também, recorrentemente. É assim mais um dado para comprovar uma hipótese, surgida nesta pesquisa, de que o português tem parte da influência na pronúncia dessas variações, ao menos, nos segmentos silábicos considerados incomuns.

Mais exemplos de contrações, características da linguagem mais atual, vêm a seguir. O próximo, especificamente, apresenta um som que não faz parte do sistema fonológico do kanhgág, que é a africada alveopalatal desvozeada [tʃ]. A palavra pronunciada, se for escrita, faz parecer, ao alfabetizado kanhgág, que se trata de uma outra língua. Estamos falando da palavra *tĩg* [tĩŋ], que em certas ocasiões (respostas dadas por bilíngues com bastante contato com falantes do português) é pronunciada [tʃĩg], cuja grafia seria *tnhĩg*, ou seja, com encontro consonantal “tnh” inexistente em outra palavra no kanhgág (FELISBINO, 2018). Outro exemplo é da palavra *nỹ* [nã], que significa *deitar(-se)* e que é pronunciada [nõ], na T.I. Apucarantina, na fala padrão, mas também *nhá* [na], considerada não padrão.

25a) *K1, ã mỹ Ynae fi ãn ra tĩg kem?*

*K1, ã mỹ Ynae fi ãn ra tĩg kem?*

K1, 2SG PERG Ynae 3SG.F casa para ir ASP

“K1, você **vai** para a casa da Ynae?”

25b) K1: *Ă tĩg? kỹnh tnhĩg.*

*Ă tĩg? kỹnh tnhĩg.*

kỹ + inh

2SG ir      então 1SG ir

“Você **vai**? então eu **vou**”

25c) P: *Hỹ?*

“o quê?”

25d) K1: *Ă tĩg kỹnh tnhĩg gũ henh nhiem*

*Ă tĩg kỹnh tnhĩg gũ henh nhiem*

2SG ir    então.1SG IR      ASP    falar    dizer.1S.ASP.ASP

“Você **vai**? então eu **vou**, estou falando” (FELISBINO, 2018, p. 26)

Nota-se que há muitas contrações da Língua Kanhgág informal neste exemplo, quais sejam: *kem*, *kỹnh*, *tnhĩg*, *gũ*, *henh* e *nhiem*. Expliquemos uma a uma:

*kem* = *ke* + *mũ*

FUT      ASP.fazendo

*kỹnh* = *kỹ* + *inh*

então      eu

*tnhĩg* = *variação de tĩg (ir) em respostas de pessoas com muito contato com falantes do português*

*gũ* = *variação de mũ (ASP)*, quando segue palavras terminadas com -g.

*henh* = *he* + *inh*

dizer      eu

*nhiem* = *he* + *inh* + *ne*      *mũ*.

dizer    eu      MS.ORIGINADOR      ASP.FAZENDO/NARRATIVO

Outro exemplo que podemos confrontar entre a linguagem conservadora e a linguagem mais atual está na oração 26, que segue:



26a) *Nỹ ã mỹ mã.*

*Nỹ     ã     mỹ     mã.*  
2SG   para   pegar

26b) *Nha mỹ mã.*

*Nha     mỹ     mã.*  
2sg   para   pegar  
“Deixa eu pegar para você.”

Em 26a, temos a oração escrita na língua conservadora; em 26b, temos a variante mais atual. A contração que houve entre *nỹ* e *ã* envolve a palatalização da consoante nasal de *nỹ* e a desnasalização de *ã*, levando a uma sequência sonora que só existe nas contrações que o falante realiza, qual seja, a junção de uma consoante nasal e uma vogal oral, visto que consoantes nasais sempre têm vogal nasal em contato, como já dito.

Essa linguagem é usada no dia a dia durante a comunicação entre amigos e familiares, tanto oralmente como também nas mensagens de textos pela internet, meio que atualmente tem sido usado, em larga escala, para comunicação, principalmente via redes sociais.

Isso acontece muito na fala espontânea da Língua Kanhgág quando são pronunciadas em um contexto do cotidiano, nas conversas e sem monitorar a fala durante a conversa. Trata-se da escrita da oralidade.

O quadro a seguir mostra a visão dos participantes sobre a língua kanhgág conservadora (LKC) e a Língua Kanhgág mais atual (LKA); as falas foram extraídas nas conversas feitas durante a entrevista.

A 1ª coluna apresenta a pergunta “*Existe língua padrão em conservadora?*” feita para os participantes.

A 2ª coluna apresenta o que os participantes pensam em relação a de onde veio a Língua Kanhgág, sendo que a pergunta feita foi: “*De onde veio a língua conservadora em kaingang?*”; a resposta apresentou o que os participantes veem como o conservador na Língua Kanhgág.

A 3ª e a 4ª colunas não são perguntas, mas tão somente afirmações lançadas para o participante para ver se em dado momento eles falam a respeito do que foi afirmado, visto que, para chegarmos à conclusão e aos resultados de

se existe uma língua conservadora, era necessário que os participantes falassem com quem aprenderam a escrever na Língua Kanhgág, pois assim falariam sobre os primeiros professores da língua, já que foram aqueles que ensinaram os professores atuais. Na coluna 3, temos “*Dos professores que deram aula na Escola Pénky Pereira*”; na 4ª coluna está escrito “*Ursula*” para identificar se em um dado momento alguém a mencionaria ou mencionaria algo que ela fez ou criou, pois foi ela quem estabeleceu a ortografia para a Língua Kanhgág.

A 5ª coluna apresenta novamente uma pergunta: “*Quem fala o kanhgág conservador?*”

Nota-se que alguns quadros estão vazios; isso se deu porque o participante não mencionou nada sobre o teor daquela coluna.

Quadro 2: Professores participantes da pesquisa que ainda atuam na Educação Básica

<b>Mỹ hñn kanhgág vĩ ki ti rá tỹ ki krov tĩ?</b>	<b>Hẽ tá ti kãtĩg L.K. Ki krov ti?</b>	<b>Escola Rural Cacique Luis Pénky Pereira tá kanhgág vĩ ki aula nĩm mũ ag tá.</b>	<b>Ursula</b>	<b>Hẽ ag vĩ kanhgág vĩ ki krov tó tĩ?</b>
<i>Existe língua padrão em kanhgág?</i>	<i>De onde veio a Língua Kanhgág padrão?</i>	<i>Dos professores que deram aula na Escola Pénky Pereira</i>	<i>Ursula Wiesemann</i>	<i>Quem fala o kanhgág formal?</i>
<b>PPM1</b>	Veio dos primeiros professores de Língua Kanhgág.	Jandira, Jorge, Manoel	Consulto o dicionário e o aplicativo	“Ensino conforme me ensinaram quando eu estudava.”
<b>PPH2 36 anos</b>	“Ensinamos o que aprendemos, com os professores de língua kaingang”	“Manoel Escola si tá. (Na escola velha). Nós escrevemos conforme o que aprendemos com os mais velhos (ex-professores)”		“Nós do Apucarantina falamos o kaingang, nós ensinamos o kaingang formal.”
<b>PPM3</b>	Veio da C.T. Clara Camarão Com o primeiro professor de Língua Kanhgág (Manoel)	Isaías	Consulto o dicionário	“Nós falamos certo, por isso ensinamos na sala”
<b>PPH3</b>				

Fonte: A autora.

Para entendermos o quadro 2, na visão da Participante Professora Mulher 1 (PPM1), a língua conservadora veio dos ensinamentos dos primeiros professores, que são o Manoel, Isaías, Pedro, João Santos, Jorge e Jandira, por eles serem quem a ensinaram a Língua Kanhgág, quando ela estudava na Escola Rural Cacique Luis Pénky Pereira, atualmente conhecida como Escola Estadual Indígena João Kavagtã. Nas conversas, ela fala que, quando está com dúvida em algumas palavras, consulta o dicionário e o aplicativo do dicionário *online*, criado recentemente.

O Participante Professor Homem (PPH2) também entende que o kanhgág conservador veio dos ensinamentos dos professores com quem ele estudava, na antiga escola. Ele citou a mesma escola falada pela PPM1, naquela época quando o professor era o Manoel Norég Mág Felisbino. Na visão do PPH2, os kanhgág da T.I. Apucaraninha falam o kanhgág conservador (KC), pensamento este que veio também do que foi ensinado para ele, por isso falam e ensinam o KC dentro da sala de aula.

PPM3, por sua vez, entende que o KC foi o ensinado no curso feito na T.I. Guarita, cujo professor era Manoel, um dos primeiros a estudar sobre a Língua Kanhgág, o qual ensinou ao professor Isaías Kagre Felisbino, e este, por sua vez, foi o professor da PPM3 nas séries iniciais. Assim, quando está com dúvida com relação a algumas palavras, sempre consulta o dicionário criado pela linguista alemã.

Quadro 3: Professores participantes da pesquisa que não atuam mais na Educação Básica

<b>Mỹ hñn kanhgág vĩ ki ti rá tỹ ki krov tĩ?</b>	<b>Hẽ tá ti kãtĩg L.K. Ki krov ti?</b>	<b>Escola Rural Cacique Luis Pénky Pereira tá kanhgág vĩ ki aula nĩm mũ ag tá.</b>	<b>Úrsula</b>	<b>Hẽ ag vỹ kanhgág vĩ ki krov tó tĩ?</b>
<i>Existe língua conservadora em kanhgág?</i>	<i>De onde veio a Língua Kanhgág conservadora?</i>	<i>Dos professores que deram aula na Escola Pénky Pereira</i>		<i>Quem fala o kanhgág formal?</i>
<b>PPH1 47 anos</b>	<p>“Hỹ, ha mẽ, gramática tag ti, professor ve ag hã tóg siri ěg kanhrãn nã mẽ siri”</p> <p>“Sim, Os primeiros professores nos ensinaram a gramática”</p>	Professor Manoel Norég mág Felisbino		<p>“Gramática ti tugrĩn ěg ěg vĩ ti tó há han tũ nĩgtĩ mỹn sir.”</p> <p>“Não falamos de acordo com a gramática. Tínhamos que falar certo.”</p>

Fonte: A autora.

Observa-se que o PPH1 fala que a língua padrão veio dos ensinamentos dos professores antigos, e ele menciona o professor Manoel Norég Mág Felisbino. Segundo ele, quem o ensinou a escrita foi ele, por ter sido o primeiro professor de Língua Kanhgág. Ele não mencionou a linguista alemã, porém, numa de suas falas, ele acha que a escrita da Língua Kanhgág veio de linguistas que estudaram a Língua Kanhgág e que durante o seu percurso como professor ele trabalhou juntamente com os professores de Língua Kanhgág e o professor Ludoviko dos Santos, e assim passaram a entender a gramática da Língua Kanhgág.

Quadro 4: Manoel Norég Mág Felisbino – o primeiro professor de Língua Kanhgág

<b>Mỹ hñn kanhgág vĩ ki ti rá tỹ ki krov tĩ?</b>	<b>Hẽ tá ti kãtĩg L.K. Ki krov tĩ?</b>	<b>Hẽ tá ã kanhgág vĩ rá ki kanhrãn?</b>	<b>Úrsula</b>	<b>Hẽ ag vĩ kanhgág vĩ ki krov tó tĩ?</b>
<i>Existe língua conservador em kanhgág?</i>	<i>De onde veio a Língua Kanhgág conservadora?</i>	<i>Onde você aprendeu a escrita da língua kaingang</i>		<i>Quem fala o kanhgág conservador?</i>
<b>Manoel Norég Mág Felisbino</b>	<p>“Hara ti rán kỹ nĩ ẽn ti ne inh krĩ kākā nĩ ha mỹn (tĩ tỹ Guarita tá kurso han kỹ kanhrãn mũ) kỹ isóg ẽn hã han tĩ mũ.”</p> <p>“Mas a escrita conservadora já está na minha cabeça (escrita aprendida no curso, em Guarita-RS), então fui ensinando isso.”</p>	<p>“Guarita tá inh ki kanhrãn vén. Luis Alã hã vĩ ẽg vĩ ki rán ti ki kanhrãn.”</p> <p>“Aprendi a escrita em Guarita, foi o Luis Alã que me ensinou a escrever.”</p>	<p>“Ủ tỹ rán vén mũ fi hã vĩ tỹ Goj Tėj fi nĩ. “ “Quem escreveu primeiro foi a Goj Tėj.”</p>	<p>“Ếg tỹ ưi nén tó mũ ủ vĩ ti rán kỹ nĩ ti rã tĩg nĩ e tĩ. Kỹ isóg siri kejẽn tó han sór tĩ gé mỹn.</p> <p>“O que falamos (informalmente) é diferente da escrita. Então, eu penso em falar certo.”</p>

Fonte: A autora.

Esse quadro mostra a fala de um dos primeiros professores de Língua Kanhgág, na T.I. Apucaraninha. Para ele, a língua conservadora está nos ensinamentos da escrita da Língua Kanhgág ensinada na T.I. Guarita-RS, e seu professor foi um dos que se formaram na 2ª turma, no Centro de Treinamento Clara Camarão, curso promovido para os indígenas para formar monitores bilíngues, daquela época.

Segundo ele, a língua conservadora é feita de acordo com o que foi ensinado, porém não há um livro somente para isso. Numa conversa com o participante, ele menciona a primeira escrita da Língua Kanhgág em um livro, a Bíblia. Então, ele entende que a língua está mais escrita na Bíblia, que atualmente está passando pela 3ª revisão e que ao final terão uma Bíblia muito bem escrita (conservadora) na Língua Kanhgág.

Então, observa-se que a Língua Kanhgág está conforme os ensinamentos dos professores que não atuam mais em sala de aula. Também entendemos que

os sons foram transcritos por uma alemã, que teve a intenção de traduzir a Bíblia e, por conta disso, surgiu a escrita da Língua Kanhgág, que é recente.

Então, como percebemos que na fala do professor Manoel, quando ele diz “mas a escrita correta já está na minha cabeça”, ele é conservador ao utilizar a língua, em vista do que foi ensinado para ele, pois, como já mencionamos, a Língua Kanhgág está de acordo com a fala dos nossos antepassados e o que foi ensinado para ele é essa variante conservadora, que ele também passou a escrever. Então, há um aspecto conservador na Língua Kanhgág, mas que vem sofrendo mudanças nas falas dos mais novos.

Em relação à escrita da Língua Kanhgág na bíblia, ela está escrita de acordo com a gramática conservadora do kanhgág, não somente em relação à ortografia e a escolha lexical, mas também em relação à morfossintaxe da língua. Sendo assim, nós professores de Língua Kanhgág que hoje atuamos em sala de aula podemos usá-la como base para consulta quando tivermos alguma dúvida, servindo também de base para uma das variações a estar contida na elaboração de uma gramática pedagógica para a variante falada e escrita na T.I. Apucaraninha.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Wiesemann ainda é tida como fonte da língua conservadora, lexicalmente falando.

No decorrer do nosso estudo, percebemos que a língua vem sofrendo mudanças. As contrações das palavras são uma dessas mudanças na fala mais atual, mas a escrita ainda não apresenta tantas mudanças, a não ser na escrita informal das redes sociais.

Para sabermos se existe uma língua formal, foi necessário entrevistar os professores que estão atuando hoje em dia como professores de Língua Kanhgág e que sempre ensinam de acordo com o que foi ensinado a eles quando estudavam, ensino este realizado pelos primeiros professores de Língua Kanhgág. Os professores mencionados foram Manoel Norég Mág Felisbino, Jorge Rĩr Nã de Almeida, Jandira Grisãnh Felisbino, Isaias Kagre Felisbino e Pedro Kagre Kág de Almeida; infelizmente não foi possível entrevistar todos porque alguns trabalham fora da T.I. e não atuam mais em sala de aula. Um desses primeiros participantes deste estudo foi o professor Claudio Novéj Marcolino Galdino, que, por sua vez, também defende que a língua conservadora está de acordo com o que foi ensinado para ele pelo professor Manoel. Por último, entrevistamos o professor Manoel Norég Mág Felisbino, cujo pensamento é de que a escrita da Língua Kanhgág veio da linguista Wiesemann, que grafou a Língua Kanhgág e assim a escrita passou a existir.

Segundo Felisbino, a língua conservadora está escrita na bíblia e ainda não há um livro que trate de só de gramática, seja ela da variante formal da língua e da informal. Na bíblia, a língua está muito bem escrita e de acordo com a estrutura do Kanhgág.

Para chegarmos a essa conclusão foi preciso buscar o que os professores indígenas levam em consideração para falar a língua conservadora num ambiente escolar e também para entendermos essa questão de informalidade que acontece no dia a dia, inclusive com os professores dizendo que se controlam quando estão na sala de aula para não falar a forma não conservadora.

Para deixar claro podemos dizer que a variante conservadora é a fala formal; a fala informal, por sua vez, é a realizada com léxico mais atual e contrações que ocorrem na fala cotidiana do kanhgág.

A ortografia do kanhgág escrito na T.I. Apucaraninha está de acordo com a bíblia, mencionada pelo professor Manoel Norég Mág Felisbino, pois, segundo ele, ela está bem escrita, tendo, inclusive, passado por uma segunda revisão e estando na terceira atualmente. O professor Manoel finaliza dizendo que, se for concluída essa terceira revisão, a Língua Kanhgág estará bem escrita gramaticalmente, que é o que ele espera.



## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Cláudia Pereira. **Experiências de formação de professores kaingang no Rio Grande do Sul**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Língua, linguagem, linguística**: pondo os pingos nos ii. São Paulo: Parábola, 2014.
- D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. **Pensar o Proto-Jê Meridional e revisitar o Proto-Jê, numa abordagem pragueana**. Relatório Acadêmico. (Estágio Pós-Doutoral em Linguística Histórica). Universidade de Brasília, 2008.
- FARACO, Carlos Alberto. Interação e linguagem: balanço e perspectivas. **Calidoscópio**. v. 3, n. 3, p. 214-221, set./dez. 2005. Disponível em: <http://revistas.unisi.br/index.php/calidoscopio/article/view/6244>. Acesso em: 15 jul. 2021.
- FELISBINO, Damaris Kanĩnsãnh. **Variação diastrática na língua Kaingang**: o verbo *ir*. 2018. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.
- FELISBINO, Damaris Kanĩnsãnh; SILVEIRA, Marcelo. Variação da palavra *isóg* (*eu*) em terras indígenas Kaingang do Paraná: um estudo diatópico. **Revista Signum – Estudos da Linguagem**, v. 24, n. 3, 2022 (no prelo).
- FERRO, Isabella; COSTA, Luana; SILVEIRA, Marcelo. O estado da arte no estudo dos verbos em Kaingang. **Polifonia**, Cuiabá-MT, vol.27, n.48, p.102-121, 2020
- GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1984.
- ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente**: a língua que estudamos, a língua que falamos. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. A concepção de linguagem como instrumento: um questionamento sobre práticas discursivas e educação formal. **Temas em Psicologia**, n. 2, p. 11-21, 1995. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v3n2/v3n2a03.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2022.
- TERRAS INDÍGENAS DO BRASIL. **Reserva Indígena Apucarana**. São Paulo: ISA, 2022. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3586>. Acesso em: 12 ago. 2022.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. São Paulo: Cortez, 1998.

WIESEMANN, Ursula Gojtéj. **Dicionário Kaingang - Português | Português - Kaingang**. 2. ed. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2011.

WIESEMANN, Ursula. Os dialetos da língua kaingáng e o xoklém. **Arquivos de Anatomia e Antropologia**, v. 3, p. 198-2017, 1978.